

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**A LATERAL PÓS-VOCÁLICA NO PORTUGUÉS GAÚCHO:
ANÁLISE VARIACIONISTA E REPRESENTAÇÃO NÃO-LINEAR**

Laura Rosane Quednau

Porto Alegre

1993

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**A LATERAL PÓS-VOCÁLICA NO PORTUGUÊS GAÚCHO:
ANÁLISE VARIACIONISTA E REPRESENTAÇÃO NÃO-LINEAR**

Laura Rosane Quednau

Dissertação apresentada ao
Curso de Pós-Graduação em
Letras - Área de Concentração
em Língua Portuguesa - da
Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, para obtenção
do grau de Mestre em Letras.

Professora orientadora: Leda Bisol

Porto Alegre

1993

Aos meus pais, Elsa e Lauro, pelo apoio e compreensão.

Às minhas irmãs, Maura e Gláucia, e ao meu sobrinho, Maurício, pelo carinho e amizade.

Ao Claiton, pelo incentivo e paciência em todas as horas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço

em especial, à professora Leda Bisol, minha orientadora de dissertação, pelo acompanhamento inteligente e pela atenção e interesse constantes;

à professora Valéria Monaretto, pelo apoio geral e pela leitura cuidadosa da redação final deste trabalho;

ao projeto Variações Lingüísticas no Sul do País, pela amostra de dados que possibilitou esta pesquisa;

ao professor Wilson Leffa, pelo auxílio no uso do editor de textos;

à professora Denise C. de Almeida, Chefe do Departamento de Lingüística e Filologia, e à sua secretária, Andrea Rehm, pelo apoio técnico para a confecção da dissertação;

aos professores Clarice Knies, Mário Klassmann e Ignacio Neis, pelo auxílio na resolução de dúvidas;

às professoras Lúcia Rebello, Míriam Goettems e Myrna Appel, pela amizade e pelo estímulo durante a realização da dissertação;

à bibliotecária Maria Lizete Gomes, pela orientação quanto às normas para a elaboração da dissertação;

ao Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela oportunidade de realizar o curso de Mestrado;

à CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior -, pela bolsa concedida;

e a todos aqueles amigos que estiveram ao meu lado durante a realização deste trabalho.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO	11
1 UM TRATAMENTO DIFERENCIADO PARA A LATERAL PÓS- VOCÁLICA	13
1.1 Introdução	13
1.2 Justificativa	14
1.3 Caracterização da lateral	15
1.4 Revisão bibliográfica	19
1.4.1 A variação da lateral segundo Mattoso Câmara Jr.	21
1.4.2 A visão gerativista de Barbara Lopez	22
1.4.3 A ressilabação da lateral no inglês britânico segundo Mohanan	23
1.5 Pressuposição	25
2 METODOLOGIA	27
2.1 A Teoria Variacionista	27
2.2 Amostra e coleta de dados	29
2.2.1 Composição da amostra	30

2.2.2	Origens históricas das regiões estudadas	31
2.2.2.1	Região metropolitana	32
2.2.2.2	Região de colonização alemã	33
2.2.2.3	Região de colonização italiana	34
2.2.2.4	Região fronteiriça	35
2.2.3	Instrumento de pesquisa	36
2.2.4	Método de análise	37
2.3	Definição operacional das variáveis	39
2.3.1	Variável dependente	39
2.3.1.1	Vocalização da lateral	40
2.3.2	Variáveis independentes	40
2.3.2.1	Variáveis extralingüísticas	40
2.3.2.1.1	Grupo étnico	40
2.3.2.1.2	Sexo	40
2.3.2.1.3	Faixa etária	41
2.3.2.2	Variáveis lingüísticas	41
2.3.2.2.1	Acento	41
2.3.2.2.2	Contexto fonológico precedente	41
2.3.2.2.3	Contexto fonológico seguinte	42
2.3.2.2.4	Posição da lateral	43
2.3.2.2.5	Sândi	43
2.4	Codificação dos dados	44
3	DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS ESTATÍSTICOS E PROBABILÍSTICOS	46

3.1 Variáveis extralingüísticas	46
3.1.1 Grupo étnico	47
3.1.2 Sexo	49
3.2 Variáveis lingüísticas	49
3.2.1 Acento	50
3.2.2 Contexto fonológico precedente	51
3.2.3 Contexto fonológico seguinte	52
3.2.4 Posição da lateral	54
4 ANÁLISE FONOLÓGICA	56
4.1 Fonologia Autossegmental	56
4.2 A Geometria dos Traços Fonológicos	58
4.3 Ponto de articulação em consoantes e vogais: uma teoria unificada	67
4.4 A Fonologia Lexical	76
4.5 A velarização e a vocalização da lateral pós-vocálica em português	81
4.5.1 Segundo a Geometria dos Traços	83
4.5.2 Segundo a Fonologia Lexical	87
CONCLUSÕES	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	107

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Efeito da variável <i>grupo étnico</i> sobre a vocalização do /l/ pós-vocálico	47
TABELA 2 – Efeito da variável <i>faixa etária</i> sobre a vocalização do /l/ pós-vocálico	48
TABELA 3 – Efeito da variável <i>sexo</i> sobre a vocalização do /l/ pós-vocálico	49
TABELA 4 – Efeito da variável <i>acento</i> sobre a vocalização do /l/ pós-vocálico	50
TABELA 5 – Efeito da variável <i>contexto fonológico precedente</i> sobre a vocalização do /l/ pós-vocálico	51
TABELA 6 – Efeito da variável <i>contexto fonológico seguinte</i> sobre a vocalização do /l/ pós-vocálico	52
TABELA 7 – Efeito da variável <i>posição da lateral</i> sobre a vocalização do /l/ pós-vocálico	54

RESUMO

Este trabalho é um estudo da lateral pós-vocálica no que se refere à sua realização como variante velarizada ou vocalizada, sob a perspectiva variacionista. O *corpus* utilizado é a fala de vinte e oito indivíduos de quatro regiões representativas de diferentes grupos étnicos existentes no Rio Grande do Sul. São examinadas as variáveis lingüísticas e extralingüísticas envolvidas na variação em estudo, confirmando-se a variável *grupo étnico* como a que mais favorece a presença das duas variantes. Além disso, apresentam-se as regras de velarização e de vocalização da lateral pós-vocálica em termos de traços fonológicos na linha de Clements e discute-se a posição destas no sistema de acordo com a linha da Fonologia Lexical.

ABSTRACT

This thesis is a study of the postvocalic lateral as it refers to its realization as a velarized or vocalized variant, under the variationist perspective. The *corpus* used is the dialect spoken by twenty-eight persons of four representative regions of different ethnic groups that exist in Rio Grande do Sul. We examined the linguistic and extralinguistic variables that are involved in the variation under study and the ethnic group variable was confirmed as the one which most favors the presence of the two variants. Furthermore, we present the rules of velarization and vocalization of postvocalic lateral in terms of phonological features along Clements' line and we discuss their position in the system, according to the Lexical Phonology line.

INTRODUÇÃO

O trabalho apresentado a seguir trata sobre a variação da lateral pós-vocálica na fala de indivíduos de quatro regiões representativas de diferentes grupos étnicos existentes em nosso Estado. Esse fenômeno lingüístico será analisado basicamente à luz de três teorias: 1^a) conforme a Teoria da Variação (sob a perspectiva laboviana), segundo a qual se examinarão variáveis lingüísticas e extralingüísticas que possam estar envolvidas na variação em estudo; 2^a) conforme a Fonologia Autossegmental e a Teoria da Geometria dos Traços, que permitirão representar o fenômeno da variação em termos de traços fonológicos; 3^a) conforme a Fonologia Lexical, através da qual o fenômeno fonológico em estudo será relacionado com a morfologia e com a sintaxe.

Com o objetivo de desenvolver as idéias norteadoras deste trabalho, o texto se divide em quatro capítulos, que serão descritos a seguir:

No capítulo 1, após a introdução do tema estudado e sua justificativa, a lateral é caracterizada fonética e fonologicamente, sendo apresentada logo depois uma revista bibliográfica na qual são resumidas as idéias principais dos estudos de alguns autores (brasileiros e estrangeiros) que se preocuparam com a variação da lateral pós-vocálica. Para finalizar este capítulo, define-se a pressuposição que rege esta

pesquisa, esboçando-se as variáveis lingüísticas e extralingüísticas que devem ser verificadas.

No capítulo 2, trata-se sobre a metodologia utilizada no trabalho. Para tanto, expõem-se os principais pressupostos teóricos variacionistas, com o objetivo de explicitar o que seja regra variável; apresentam-se informações sobre a amostra e a coleta de dados; definem-se a variável dependente e as variáveis independentes que podem condicionar a variação em estudo e exemplifica-se a forma de codificação dos dados.

No capítulo 3, são descritos e discutidos os resultados estatísticos e probabilísticos selecionados pelo programa computacional utilizado nessa pesquisa.

No capítulo 4, apresenta-se a análise fonológica. Faz-se uma revisão dos principais pressupostos teóricos das teorias utilizadas, o que permite a representação das regras de velarização e de vocalização da lateral pós-vocálica em termos de traços fonológicos e a verificação do componente (lexical ou pós-lexical) em que as mencionadas regras se aplicam na língua portuguesa.

Seguem, a este último capítulo, as conclusões a respeito do trabalho desenvolvido e as referências bibliográficas.

1 UM TRATAMENTO DIFERENCIADO PARA A LATERAL PÓS-VOCÁLICA

1.1 Introdução

O estudo da variação da lateral pós-vocálica que será empreendido neste trabalho faz parte de um projeto maior intitulado *Variações Lingüísticas no Sul do País*, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Leda Bisol e que visa à descrição das estruturas variáveis do português falado no sul do país (aspectos fonológicos, aspectos lexicais e sintáticos). Já foram estudadas a *Harmonização Vocálica* (Leda Bisol), a *Palatalização* (Leda Bisol), a *Desditongação* (Leda Bisol), a *Vogal Postônica* (Cristina Schmitt) e a *Vibrante* (Valéria N. de O. Monaretto). Outros estudos estão em andamento, como a *Elevação das Médias Pretônicas Iniciais* (Elisa Battisti) e a *Redução da Postônica* (Maria José B. Vieira), como dissertações de Mestrado.

O objetivo desse estudo é estabelecer as variantes da lateral em posição pós-vocálica e verificar o predomínio de uma em relação à outra no português gaúcho. Isso se dará através do exame de condicionamentos lingüísticos socioculturais que podem ou não estar envolvidos na variação em estudo. Será seguido, portanto, o método da Teoria da Variação, formulado por Labov e refinado por David Sankoff no que se refere à elaboração do modelo matemático para a análise dos dados. Trata-

se fundamentalmente de captar a fala espontânea dos informantes, codificar os aspectos a serem estudados e submeter os dados a um modelo estatístico especial, por processamento computacional. Daí resultarão probabilidades que refletem tendências associadas a cada variável proposta. As variáveis podem ser de natureza lingüística ou não-lingüística, como será visto posteriormente.

Aplicar esse método de análise lingüística ao nosso estudo significa que se sabe que a variação existe. Significa ainda esperar que essa variação seja condicionada por fatores socioculturais e lingüísticos, cuja pertinência será delimitada pelo método de análise supracitado.

1.2 Justificativa

As variações de uso de uma variável lingüística costumam estar associadas a fatores de diferentes ordens: faixa etária, sexo, profissão, classe social, grau de escolaridade e diferenciação social, que permitem delinear diferentes níveis de língua ou registros (culto, coloquial, vulgar, profissional) ligados esses ainda a fatores regionais.

Urge, então, que se façam estudos mais aprofundados dessas variantes, que possivelmente identificam não só níveis de língua ou registros do português, mas também variedades lingüísticas mais amplas. Alguns aspectos já foram ou estão sendo estudados, mas representam uma pequena porção do que deveria ser investigado. E, em relação à variação da lateral, tem-se conhecimento de

pouquíssimos trabalhos (algumas considerações de Câmara Jr. e de Barbara Lopez e uma dissertação sobre o /-l/ implosivo na linguagem pontagrossense). Portanto, um motivo para se fazer o estudo de que trata esse projeto é a falta de pesquisa na área.

Outro motivo que justifica esse projeto é que aplicações práticas podem advir daí. Como o estudo parte de entrevistas orais, espera-se poder oferecer subsídios a propostas de ensino de 1º e 2º graus que visem ao desenvolvimento da capacidade de uso da linguagem, tomando por base a fala real dos alunos. Exemplo: os alunos pronunciam vara[ɔ] ou vara[w]¹. É o mesmo vocábulo, pois a troca de um alofone por outro não substitui uma forma da língua por outra. Porém, isso pode se refletir na escrita. Alunos nos primeiros anos escolares apresentam equívocos desse tipo. Seria necessário conscientizá-los de que a variação existe na língua falada, mas não na língua escrita.

Esse estudo pode contribuir também, acreditamos, para o enriquecimento de trabalhos científicos que digam respeito à descrição do português falado no Brasil.

1.3 Caracterização da lateral

Um som lateral é produzido quando a língua entra em contato com o ponto de articulação (os dentes ou o palato). Mas a oclusão decorrente daí é parcial, pois este contato só se dá a meio do canal bucal ou na zona alveolar, e o ar pode sair pelos dois lados da zona de articulação. (Malmberg, 1954)

¹ Foram utilizados os símbolos fonéticos [ɔ] e [w] para o /l/ velarizado e o /l/ vocalizado respectivamente.

De acordo com Câmara Jr. (1988a), na língua portuguesa esse /l/ é uma líquida lateral, de articulação dental, uma vez que a ponta da língua toca a arcada dentária superior e a corrente de ar escapa pelos lados. Na posição pós-vocálica, essa consoante apresenta-se, em quase todo o território de língua portuguesa, como uma variante posicional, isto é, uma variante que depende do ambiente fonético em que o som se encontra. Há, então, nessa posição, uma elevação concomitante do dorso da língua até o véu palatino, o que resulta uma articulação dental velarizada, ou inteiramente velar, pela supressão do movimento da ponta da língua; neste último caso, pode-se dar a vocalização do /l/ em /w/, com conseqüente arredondamento dos lábios. Ocorrendo isso, desaparecem oposições como entre *mau* e *mal*, *vil* e *viu*, etc.

Cagliari (1981) registra ainda que, quanto ao uso do [ɔ] velarizado, pode-se encontrá-lo, além de na posição de final de sílaba, também entre dois [a] como em *mala* [mala] x [maɔa]. Em relação à língua inglesa, Ladefoged (1975) afirma que o único fonema lateral do inglês é /l/, com dois alofones: [l] como em *led* [lEd] e [ɔ] como em *bell* [bEɔ]. Malmberg (1954) concorda com o autor, pois fala de um /l/ apicoalveolar do inglês, explicando que em determinadas posições (em fim de sílaba), este caracteriza-se por um levantamento do dorso da língua na direção do palato mole, o que dá a este /l/ inglês um timbre particular - é o /l/ velarizado (escuro).

Nesse sentido, o mesmo autor chama atenção ainda para o fato de que o francês teve antigamente um /l/ velarizado que se transformou mais tarde num elemento vocálico (u) em conseqüência da perda de articulação apical. Daí resultam os plurais franceses do tipo *cheval-chevaux*. Esse plural foi o resultado da evolução

do antigo plural *chevalz*, em que o /l/ velarizado transformou-se em *u*, daí um ditongo que terminou por se reduzir a *ô*.

A necessidade de um tratamento diferenciado para a lateral pós-vocálica é atestada também por um dialeto do turco, istambul, pois, como mostram Clements e Sezer (1982), aí o comportamento desta consoante é complexo. De acordo com os autores, o valor do /l/ em posição de final de palavra depois de vogais posteriores é imprevisível (Clements; Sezer, 1982, p. 237):

(1)	a. /l/ anterior		
		sol̩ (nota musical)	kaɫp (coração)
		boɫ (coquetel)	ihɫaɫ (violação)
		usuɫ (sistema)	suaɫ (questão)
	b. /l/ posterior		
		sol (esquerda)	kaɫp (falsificar)
		bol (abundante)	okul (escola)
		bavul (mala de mão)	hamal (porteiro)

É interessante notar que a anteriorização ou posteriorização do /l/ pode modificar o significado de uma palavra nesse dialeto, como em *sol*, *bol* e *kaɫp*.

Percebe-se, então, que um comportamento peculiar do /l/ na posição pós-vocálica não é exclusiva da língua portuguesa, mas aparece também em outras línguas, figurando como um fato universal. É importante salientar que nas diferentes línguas a manutenção do /l/ alveolar ou outra variante apical nesta posição pode ser resultante não só de fatores lingüísticos, mas também de fatores sociais.

Além dessa articulação velar, o /l/ pode também realizar-se como /lʲ/, escrito como *lh*. Esta oposição, conforme Câmara Jr. (1988a), é atestada por exemplos como *mola:molha*, *vela:velha*, *bula:bulha*, *fila:filha*, *vala:valha*. Essa lateral palatal ocorre quando há uma ampliação da zona articulatória com o desdobramento da parte média da língua no palato médio. É também chamada *molhada*.

É com essa denominação também que Malmberg (1954) se refere ao /l/ do francês antigo que ainda se nota em determinadas regiões de língua francesa (na Suíça, por exemplo) em palavras como *fille* (rapariga) e *piller* (pilhar). O mesmo autor ressalta que este tipo de /l/ existe também em italiano (*figlio* - filho) e no espanhol (*calle* - rua).

Cagliari (1981) afirma que alguns falantes usam *li* onde outros usam uma lateral palatal. Exemplos (Cagliari, 1981, p. 28):

(2)	olho	ολο	olio
	filho	φιλο	filio

Esses dois tipos de realização fonética causam confusão e, por isso, os alunos em fase escolar freqüentemente trocam as grafias de algumas palavras, escrevendo, por exemplo, *familha* e *batália* em vez de *família* e *batalha*.

O autor explica a causa do problema tendo em vista que há uma tendência de a lateral palatal portuguesa ter uma articulação palatal anterior, sendo, às vezes, pronunciada na própria região palato-alveolar. Isso a torna, então, mais semelhante a uma lateral alveolar palatalizada.

Ressalte-se que essa lateral palatal não se manifesta na posição pós-vocálica e, portanto, não faz parte do presente estudo.

1.4 Revisão bibliográfica

Nessa seção, serão arroladas as abordagens de alguns autores, brasileiros e estrangeiros, que tratam da variação da lateral pós-vocálica, quer em relação à língua portuguesa, quer em relação a outras línguas (neste caso, o inglês). Sobre esse assunto, há também uma dissertação de Mestrado, que trataremos de resumir, da autoria de Glaci Camargo Sêcco.

Fundamentando-se nas afirmações mattosianas, Sêcco (1977) trabalha, em sua dissertação, com o /l/ implosivo na linguagem pontagrossense. Através de inquérito fonético com cartões e gravuras representativas das palavras selecionadas e também através de perguntas esparsas, coleta os dados e analisa a realização do /l/ implosivo em diversos contextos fônicos. Sua conclusão é que se pode abonar a velaridade do /l/ implosivo, ora fechando sílaba, ora intravocabular, ora em final absoluta, como o mais freqüente na linguagem de Ponta Grossa, embora o alofone possa, ainda, ocorrer como semivocóide, como palatal, como alveolar, como vibrante (poucas vezes retroflexa) ou reduzir-se a zero fonético.

As posições analisadas por Sêcco são posição final absoluta (ex.: Brasil); posição intravocabular antes de consoante (ex.: selva); posição final absoluta antes de vogal inicial do segundo elemento de palavra composta (ex.: mal-educado) e antes de consoante inicial do segundo elemento de palavra composta (ex.: mil-réis).

A seguir, Sêcco examina os fatores que condicionam as diversas realizações do /l/ implosivo:

- Condicionamento diatópico: a autora constata que há diferenças de realizações de um bairro para outro;

- Condicionamento diastrático: as oscilações são constatadas do ponto de vista sociocultural (há diferenças de um nível para outro) e do ponto de vista da diferença de sexo (homem e mulher).

A autora constata a realização da lateral como líquida velar (sa[ɰ]) em final absoluta ou intravocabular e variações com semivocóide (a[w]tar) e ainda a transição de velar a vibrante (ca[r]cãnhá) - raras vezes retroflexa -, assim como a redução a zero fonético (aØmofada). Sêcco observa ainda que o /l/ implosivo, quando nas ligações, pode realizar-se ainda como palatal (mi[λ]ioitenta) ou como alveolar (mi[l]idez).

Através do exame de seus dados, Sêcco conclui que, em relação às vogais, a ocorrência da articulação velar e a do zero fonético é totalizante (ocorre depois de qualquer vogal). Já a realização da semivocóide só não se manifesta depois de /u/. A transição de velar a vibrante não se verifica seqüente a /e/ e /i/. A alveolar, dentro das limitações do questionário utilizado, não se realiza depois de /a/ e /o/. A palatal só é constatada depois de /i/. No que tange às consoantes, a autora observa o predomínio absoluto da velar. Diz que a ocorrência da vocalização lhe é paralela, exceto antes de /b/ e /k/; em menor número, é a redução a zero fonético, anulando-se no contexto em que o alofone posicional velar precede /p/, /b/, /d/, /f/, /ç/ e /z/. A palatal deixa de existir. A vibrante tem uma ocorrência de equilíbrio, registrando-se oito casos positivos contra oito negativos (antes de /b/, /tr/, /v/, /j/, /ç/, /s/, /z/ e /r/. Observa, finalmente, uma realização alveolar (pré-vocálica) motivada por hipértese (*guerlas* = *guerlas*).

1.4.1 A variação da lateral segundo Mattoso Câmara Jr.

Ao se pensar na descrição do português do Brasil, não se pode esquecer da grande contribuição de Mattoso Câmara Jr. no que se refere à classificação dos fonemas da língua portuguesa.

Segundo Câmara Jr. (1976), há variações determinadas pelas condições do contexto fonético em que o fonema se realiza. São as variantes posicionais ou contextuais. Dessa forma, em posição pós-vocálica, a lateral acrescenta à articulação dental que tem quando constitui sílaba com uma vogal seguinte (lá, lei, lua, etc.) uma articulação velar (sal, sol, pincel).

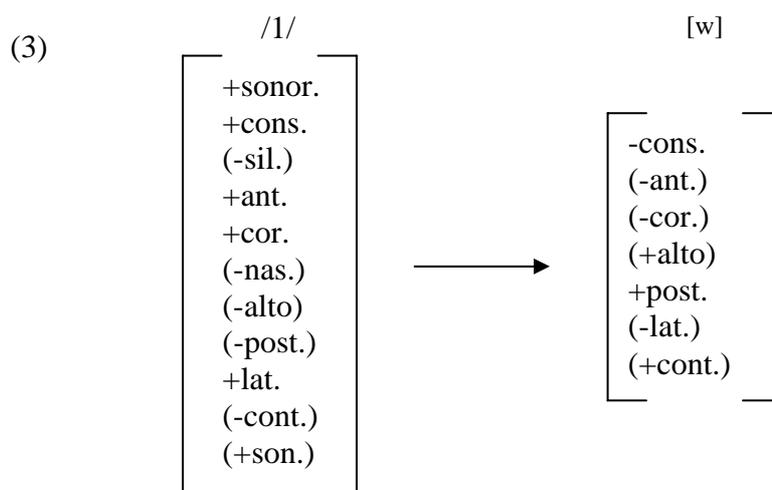
Chega-se à conclusão, portanto, de que o /l/ pós-vocálico adquire uma articulação pósterio-bucal, pois nos diz Câmara Jr.:

O /l/ pós-vocálico é posterior por alofonia posicional. Isto quer dizer que, além do movimento da ponta da língua junto aos dentes, há um levantamento do dorso posterior da língua para junto do véu palatino, dando o que provavelmente os gramáticos latinos chamavam o l 'pinguis' ou 'gordo'. (Câmara Jr., 1988b, p. 51)

Segundo Câmara Jr. (1988b), pode decorrer daí uma vocalização da consoante, o que resulta um /u/ assilábico. Esse traço distintivo torna-se, então, funcionalmente perturbador ao que se comunica, pois temos: *mal* e *mau*, *vil* e *viu*. Com essa articulação, não há /l/ pós-vocálico para o referido autor no português do Brasil. No sul do país, entretanto, é provável que o [ɔ] velarizado seja preservado em algumas regiões. É essa variação [ɔ] ~ [w] que se pretende constatar.

1.4.2 A visão gerativa de Barbara Lopez

De acordo com Lopez (1980), o /l/ em final de sílaba pode ser velarizado - [ɔ], velarizado e labializado - [l^w] ou vocalizado em [w]. A autora salienta que, como resultado disso, a distinção entre /l/ e /u/ semivocálico no fim da sílaba tem sido essencialmente perdida no português carioca; o par mínimo usualmente citado é <mal> (substantivo) e <mau> (adjetivo), ambos [maw]. Aí há uma troca telescópica, com a diferença de que o estágio intermediário pode ainda ser ouvido. A mudança de /l/ para [w] troca todos os traços distintivos exceto *sonorante* e todos os redundantes exceto *silábico, nasal e sonoro* (Lopez, 1980, p. 116):



De acordo com essa regra, um segmento [+sonorante], [+consonantal], [-silábico], [+anterior], [+coronal], [-nasal], [-alto], [-posterior], [+lateral], [-contínuo]² e [+sonoro] (/l/) passa a ser um segmento [-consonantal],

² Observe-se que para Lopez (1980, p. 116), o /l/ é [-cont.]. Outros autores, entretanto, como Hyman (1975, p. 243), consideram o /l/ como [+cont.].

[-anterior], [-coronal], [+alto], [+posterior], [-lateral] e [+contínuo] ([w]) no português carioca quando está em posição de final de sílaba.

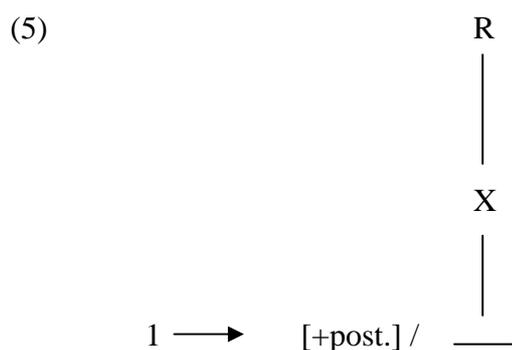
1.4.3 A ressilabação da lateral no inglês britânico segundo Mohanan

Conforme Mohanan (1985), o inglês britânico apresenta uma alternância entre um [l] claro ou levemente palatalizado, e um [ɫ] escuro ou velarizado.

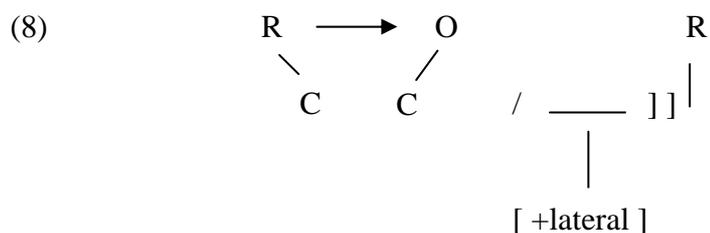
Exemplos (Mohanan, 1985, p. 145):

(4)	[l]	[ɫ]
	lake	belt
	valley	wheel
	please	double edged
	twinkling (subst.)	twinkling (verbo) (se trissilábico)

Percebe-se, então, que *l* é escuro na posição de rima (Mohanan, 1985, p. 145):



Para demonstrar contrastes como sai[ɫ] e sai[l]ing, Halle e Mohanan (*apud* Mohanan, 1985) propõem a seguinte regra de ressilabação do /l/ (Mohanan, 1985, p. 146):



Ressalte-se que os colchetes são os substitutos dos símbolos limítrofes (+, #, ##) da Fonologia Gerativa Clássica. Aqui os colchetes duplos informam que esta regra, diferentemente da apresentada em (7), se aplica depois de dois níveis de estratos morfológicos.

O autor atenta ainda para o fato de que, para a regra de velarização do *l*, a distinção relevante é entre ataque e rima, e não entre C (consoante) e V (vogal): *l* torna-se escuro na posição de rima e não se torna escuro na posição de ataque.

Vemos, então, que os fenômenos que ocorrem na língua portuguesa também são atestados em outras línguas, como no inglês, por diversos lingüistas. Pretende-se examinar nesse trabalho o que ocorre com a lateral pós-vocálica no português do sul do Brasil, analisando-se os diversos contextos em que esta variação ocorre e os fatores que a condicionam.

1.5 Pressuposição

O presente trabalho visa a examinar a variação existente da lateral pós-vocálica em quatro regiões socioculturais diversas do Estado (região metropolitana,

de colonização alemã, de colonização italiana e fronteiriça), pois se acredita que um traço que caracteriza o português do sul do país é a presença da variação $\text{ɔ} \sim \text{w}$ na posição pós-vocálica, isto é, o dialeto gaúcho não tem como regra categórica a vocalização da lateral ($\text{ɔ} > \text{w}$). O que se pretende aqui é verificar qual é a relação que existe entre a variação da lateral pós-vocálica e os quatro grupos étnicos que constituem os informantes do *corpus*.

O grupo étnico é a variável que se encontra mais à vista como favorecedora da variação, mas outras devem ser verificadas: o sexo, a faixa etária e também as variáveis lingüísticas: acento da sílaba, contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, posição da lateral e se o /l/ está ou não em contexto de sândi. Essas variáveis serão cuidadosamente estudadas e testadas, para que se chegue à conclusão de quais delas favorecem mais ou menos a vocalização da lateral pós-vocálica.

2 METODOLOGIA

2.1 A Teoria Variacionista

Por um longo tempo, em razão de a língua ser vista como um sistema homogêneo e restrita a um certo padrão, não foi dada a devida importância à variação.

Nesse sentido, constata-se que tanto o estruturalismo quanto o gerativismo se ativeram à descrição do comportamento de estruturas regulares da língua. Nos estudos feitos pelos autores dessas escolas, as variantes eram apenas citadas.

Nesse vácuo criado pelas teorias vigentes com respeito a formas reais de uso, surgiu Labov, que, com o auxílio de outros estudiosos, começou a buscar explicações para as variações nos parâmetros socioculturais diferenciados em uma comunidade.

Dessa forma, a língua começou a ser concebida como um sistema que possui, além de regras categóricas, regras variáveis; essas últimas condicionadas por fatores lingüísticos e extralingüísticos. Com efeito, há mais de uma forma de se dizer a mesma coisa. Daí o conceito de regra variável: dois ou mais enunciados referentes ao mesmo estado de coisas com um só valor de verdade.

É necessário salientar que, para uma regra ser considerada variável, ela deve ter certo índice de frequência; não é toda variação que é denominada regra variável. Isso quer dizer que é preciso haver um número significativo de ocorrências, não-arbitrárias, dentro de determinados grupos para se dizer que uma regra é variável. Essa regra, nos moldes propostos por Labov (1966), é reveladora, mas não necessariamente explicativa, isto é, ela mostra, descreve, mas não explica. Para achar a explicação adequada, o pesquisador pode valer-se das teorias lingüísticas existentes, seja nas áreas de fonologia, morfologia, sintaxe ou em outras.

No sentido de Labov (1972), a variável tem conotação social; por isso, é necessário reconstituir a história da variação em pauta, estudando a vida da comunidade em que ela ocorre. Dessa forma, analisam-se a frequência e a distribuição das variantes nas diversas regiões, níveis de idade, ocupações dos indivíduos e grupos étnicos que compõem a comunidade. O autor ressalta ainda que uma regra é normalmente provocada por uma razão lingüística e que sua propagação é que depende de fatores sociais.

Em relação à coleta de dados, Labov (1972) chama atenção para o fato de que as entrevistas devem ter estilos diversificados: listas de palavras, leitura, perguntas direcionadas, entrevista livre. Essa preocupação se dá em função da necessidade de o informante se sentir à vontade e para que a variação possa ser captada em várias situações de fala, que pressupõem, provavelmente, diferentes registros para o mesmo falante. Reforçando isso, o referido autor (1969) afirma que, no momento da pesquisa, a amostra deve ser coletada da forma mais natural possível. Em um estudo desse autor, denominado *Contraction, deletion and inherent variability of the English copula* (1969), alguns de seus alunos foram morar com os negros do bairro

estudado e fizeram as gravações com microfones embutidos e em ambientes descontraídos. Assim, pelo fato de os indivíduos não saberem que estavam sendo testados, as informações obtidas adquiriram maior confiabilidade.

Segundo Kroch (1978), além dos fatores mencionados e outros semelhantes, ainda estão envolvidos na variação argumentos de ordem ideológica. A maior parte das comunidades lingüísticas têm uma diferença dialetal, que é uma diferença ideológica. O autor argumenta que o dialeto de prestígio é aquele carregado de uma ideologia pertencente a uma elite. Aí a linguagem exige um esforço maior, pois leva uma marca de distintividade em comparação com os indivíduos de outras classes. Para esse grupo, há uma maior dificuldade em aceitar as mudanças, ao contrário do que acontece com o grupo dos dialetos populares, que aceita as mudanças fonológicas com maior facilidade.

Concluindo, a análise da regra variável torna possível detectar os fatores que motivam a heterogeneidade da língua. Isso possibilita a previsão do uso (maior ou menor) de uma forma lingüística em determinada comunidade, eliminando-se julgamentos intuitivos.

2.2 Amostra e coleta de dados

2.2.1 Composição da amostra

Os dados do presente estudo fazem parte do *corpus* coletado por Bisol (1981) para o projeto Variações Lingüísticas no Sul do País. Esse *corpus* é constituído pela fala de informantes de quatro regiões que representam os grupos étnicos mais importantes dentre os que colonizaram o Rio Grande do Sul:

- a) região metropolitana (Porto Alegre);
- b) região de colonização alemã (representada pelo município de Taquara);
- c) região de colonização italiana (representada pela localidade de Monte Bérico, distrito de Veranópolis);
- d) região fronteiriça (representada pela cidade de Santana do Livramento).

Os informantes possuem, no máximo, o curso primário e satisfazem os seguintes requisitos:

- a) são nascidos na região estipulada;
- b) são os pais também originários da região;
- c) têm vivido 3/4 partes de sua vida na região;
- d) estão na faixa etária de 20 a 55 anos;
- e) são bilíngües os informantes da zona de colonização alemã;
- f) são bilíngües os informantes da zona de colonização italiana;
- g) são bilíngües os informantes da zona fronteiriça;
- h) são monolíngües os informantes da zona metropolitana.

As entrevistas, com duração média de sessenta minutos, são individuais e foram feitas com um grupo de quinze informantes de cada região. Para o estudo da variação em questão, utilizaram-se os dados de sete informantes de cada região.

2.2.2 Origens históricas das regiões estudadas

Conforme Pesavento (1989/1990), o território que constitui hoje o Rio Grande do Sul só tardiamente foi integrado à América Colonial Portuguesa. Os habitantes do solo gaúcho eram alguns grupos de indígenas e foi para catequisá-los que para cá vieram os jesuítas no século XVII. Sob bandeira espanhola, eles fundaram as Missões. Foram, por um, repelidos pelos bandeirantes paulistas, que os atacavam para aprisionar os índios aldeados e para vendê-los como escravos nas lavouras de açúcar. Os padres foram, então, obrigados a voltar para suas Missões no lado argentino, deixando aqui os rebanhos.

A presença do rebanho despertou interesse econômico pela região, principalmente a partir do século XVII, quando foi descoberto ouro na zona das gerais, no centro-oeste brasileiro, e quando começou a demanda por animais de tração e corte. Iniciou-se, assim, uma descida rumo ao sul em busca do gado. Essa vinda de particulares ao sul foi incentivada pela Coroa Portuguesa, que, além de se interessar pela mineração, passou a interessar-se também pelo comércio do gado. Nessa época, a Coroa já tinha fundado no Prata (em 1680) a Colônia do Sacramento em função de seus interesses comerciais.

Entretanto, o rebanho bravo estava sendo dizimado devido às contínuas investidas de castelhanos e luso-brasileiros, sem dar tempo à sua reprodução natural. Para impedir a devastação dos rebanhos, passou-se a criá-los em estâncias. Essas eram terras sem dono que eram distribuídas pela Coroa aos tropeiros que se destacavam nas lides guerreiras ou como pagamento aos soldados da tropa de linha que lutavam na Colônia do Sacramento. Os particulares também podiam requisitar

para si as terras que estavam começando a ocupar. Foi dessa forma que se iniciou a distribuição de sesmarias no Rio Grande do Sul.

Mais tarde, em razão das necessidades de ocupação da fronteira e também para aquietar o espírito belicoso dos estancieiros, o governo imperial começou a trazer, além dos açorianos, alemães para o sul, seguidos mais tarde por italianos e poloneses, além de outros grupos étnicos europeus (De Boni; Costa, 1984).

Segundo o último censo demográfico (1990), o Estado conta com uma área de 281.963,3 km² e uma população de 9.054.875 habitantes.

2.2.2.1 Região metropolitana

Em 1752, sessenta casais açorianos chegaram para ocupar a região que ficou conhecida como Porto dos Casais. Num pequeno povoado junto ao porto os açorianos começaram a plantar o trigo e a trabalhar em moinhos, olarias e modestas fundições (Pesavento, 1989/1990).

Em 1772, em face do crescimento populacional do núcleo, foi criada a freguesia de Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre e, no ano seguinte, esta passou a ser a capital da Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul. Em 1808, o povoado foi elevado à vila e, em 1822, à cidade.

Entretanto, o desenvolvimento de Porto Alegre como centro urbano deve-se à vinda dos imigrantes alemães, que se instalaram nas proximidades da capital. Foi a chegada deles que dinamizou a sociedade e a economia porto-alegrense, fazendo a cidade assumir o aspecto de um grande centro comercial, bancário e industrial.

Segundo o último censo demográfico (1990), Porto Alegre, com uma área de 489,00 km², possui uma população de 1.330.369 habitantes.

2.2.2.2 Região de colonização alemã

A primeira colônia alemã no Rio Grande do Sul foi a de São Leopoldo, às margens do rio dos Sinos, aonde chegaram os primeiros imigrantes em 1824. Os imigrantes espalharam-se por inúmeras terras devolutas da região, havendo a ocupação das regiões próximas ao rio Caí (Bom Princípio, Montenegro, Nova Petrópolis e outras). O mesmo ocorreu com os vales do Taquari e do Pardo. Outras regiões foram ainda ocupadas por alemães: as que hoje constituem as cidades de Estrela, Lajeado, Teutônia, Santa Cruz do Sul, Santo Ângelo, e outras (De Boni; Costa, 1984).

No último decênio do século XIX, após a revolução federalista, não havendo mais terras na região, pois a serra já se encontrava ocupada pelos italianos, iniciou-se a colonização do Alto-Uruguai, surgindo núcleos alemães desde Marcelino Ramos até o rio Ijuí. Enfim, a imigração alemã, tal como a italiana, transbordou pela fronteira gaúcha na década de 20 e passou a ocupar as terras de Santa Catarina e Paraná. Houve, no total, 142 colônias alemãs no Rio Grande do Sul.

A imigração alemã caracterizou-se pela policultura, numa pequena propriedade, explorada pelo trabalho familiar. A produção destinou-se originariamente ao consumo. Em termos econômicos, cita-se a colonização alemã como a primeira que obteve sucesso no Brasil.

Taquara, o município escolhido para representar a região de colonização alemã, conta, segundo o último censo demográfico (1990), com uma área de 464,07 km² e uma população de 39.629 habitantes.

2.2.2.3 Região de colonização italiana

Conforme afirmam De Boni e Costa (1984), a data oficial da imigração italiana é 20 de maio de 1875, mas não há dúvidas de que já havia colonos italianos no Rio Grande do Sul antes dessa data, disseminados pelas outras colônias da Província. Os colonos italianos preferiram ficar ao sopé da serra, sem aventurar-se pela mata cheia de perigos e difícil de desbravar. As duas colônias provinciais, Conde d'Eu e Santa Isabel, mais as duas colônias para imigrantes italianos criadas pelo governo imperial, Caxias e Silveira Martins, foram o núcleo básico da imigração italiana, sendo que as outras delas promanaram: Alfredo Chaves, São Marcos, Antônio Prado, Mariana Pimentel, Barão do Triunfo, Vila Nova, Jaguari, Ernesto Alves e Marquês do Herval.

Os imigrantes que vinham para cá se diziam agricultores, mas, na verdade, alguns deles pretendiam exercer a profissão que tinham aprendido no seu país de origem. A diferenciação de atividades possibilitou a auto-suficiência das colônias italianas, tal como já acontecera com as colônias alemãs. O sistema de produção da colônia italiana era voltado, antes de tudo, para uma agricultura de subsistência, num sistema intensivo de policultura.

Monte Bérico, um distrito da cidade de Veranópolis, foi a localidade escolhida para representar a região de colonização italiana¹.

2.2.2.4 Região fronteiriça

A atual região da fronteira entre Rio Grande do Sul e Uruguai foi muito disputada pelos portugueses e espanhóis. Em virtude disso, muitos acampamentos militares foram instalados nessa região.

Esses acampamentos, segundo Caggiani (1983), em razão das condições das tropas e circunstâncias da luta, eram verdadeiros arraiais com galpões, ranchos e outras construções provisórias. Aí habitavam as mulheres que acompanhavam os soldados e também as famílias dos oficiais. Geralmente esses acampamentos permaneciam muito tempo em um mesmo local. Assim, quando eram levantados, deixavam alguns de seus ocupantes, principalmente aqueles pertencentes aos ranchos do chamado comércio. Dessa forma, os exércitos sulinos foram deixando sementes de cidades. E começou o povoamento da fronteira.

Em 1814, o governo, preocupado com a política de consolidação e posse do território da então fronteira de Rio Pardo, distribuiu-o em sesmarias. Velhos soldados e outros súditos da Coroa receberam, então, as primeiras doações de terras da região que hoje forma a cidade de Livramento.

A licença para a edificação da primeira Capela foi obtida em 30 de julho de 1823, data da fundação oficial da cidade. Em 07 de agosto de 1848, a Capela foi elevada à categoria de Freguesia e, em 10 de fevereiro de 1857, à categoria de Vila,

¹ Devido ao fato de o Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul não apresentar os dados referentes à área e população de Monte Bérico, foi necessário buscar esses dados junto à prefeitura de

desmembrando-se o novo município do de Alegrete. Livramento cresceu e progrediu e, em 06 de abril de 1876, foi elevada à categoria de Cidade.

A principal atividade econômica dessa cidade (e também das outras cidades da zona de Campanha - Alegrete, Bagé, Dom Pedrito, Quaraí, Rosário, São Gabriel e Uruguaiana) é a pecuária, com os rebanhos de bovinos, eqüinos, ovinos e suínos. Além dessa atividade, a agricultura também se destacou em Livramento com o cultivo do milho, feijão, trigo, aveia, cevada, amendoim, arroz, batata e alfafa.

Segundo o último censo demográfico (1990), Santana do Livramento, cidade que representa a região fronteira, conta com uma área de 6.930,70 km² e uma população de 82.383 habitantes.

2.2.3 Instrumento de pesquisa

A entrevista desenvolveu-se em duas partes: teste e fala livre.

Na primeira parte, foram elaboradas perguntas com vistas a obter respostas imediatas que contivessem contextos para aplicação de variáveis fonológicas que seriam objeto de estudos posteriores.

Na segunda parte, as perguntas foram mais abrangentes, compreendendo temas que pudessem interessar ao informante: família, religião, festas típicas da região, profissão, acidentes, doenças; enfim, temas que pudessem provocar uma fala o mais possível descontraída.

Veranópolis. Lá foi possível obter apenas o número de habitantes: 546.

2.2.4 Método de análise

Para a obtenção da análise estatística e probabilística dos dados relativos à lateral pós-vocálica (já transcritos e codificados), utilizaram-se quatro programas computacionais: CHECKTOK, READTOK, MAKECELL e IVARB, que pertencem a um pacote chamado VARBRUL (versão 1988). Esses programas, que medem fenômenos variáveis, foram desenvolvidos na University of Pennsylvania em outubro de 1984 e descritos por Sankoff (1986).

Esse tipo de análise é necessária, como resume Scherre:

Ao pesquisador cabe identificar os fenômenos lingüísticos variáveis de uma dada língua, inventariar suas variantes, levantar hipóteses que dêem conta das tendências sistemáticas da variação lingüística, operacionalizar as hipóteses através de variáveis ou grupos de fatores de natureza lingüística e não-lingüística, codificar os dados relevantes, submetê-los aos programas adequados e interpretar os resultados obtidos à luz das hipóteses levantadas. Aos programas existentes cabe quantificar os dados recebidos e produzir resultados estatísticos para os quais foram preparados.
(Scherre, 1992, p. 1)

Para se trabalhar com esses quatro programas, precisa-se, inicialmente, criar o arquivo de dados, o arquivo de especificação de fatores e o arquivo de condições.

O arquivo de dados é formado pelas seqüências de símbolos codificados de acordo com as variáveis relevantes para o estudo do fenômeno em questão. No caso da presente pesquisa, cada palavra que contém uma lateral pós-vocálica é submetida à codificação das variáveis definidas na seção 2.3. Cada uma dessas seqüências, marcada por 1 ou \emptyset , conforme a aplicação ou não da regra em estudo.

O arquivo de especificação de fatores é formado pelos grupos de fatores (variável dependente e variáveis independentes) e os símbolos usados para cada

categoria. Esses símbolos podem ser escolhidos entre os caracteres existentes no teclado do computador (letras ou sinais), excetuando-se a barra inclinada e o parêntese, por terem um significado específico dentro dos programas.

O arquivo de condições é formado pelos grupos de fatores referentes à variação em estudo sem fazer menção aos símbolos dos grupos, mas apenas aos seus números de ordem. Esse é o arquivo que possibilita a eliminação de *knockouts* (fatores que, no grupo de uma determinada variável, atingiram o percentual de 100% ou tiveram aplicação \emptyset) ou o apagamento de grupos que não tenham se mostrado relevantes para a análise. Além disso, é através desses arquivos que se fazem eventuais amalgamações (quando a diferença entre os fatores é pequena ou insignificante).

A partir desses arquivos, são rodados os programas computacionais que fornecerão os resultados estatísticos e probabilísticos dos dados.

O programa CHECKTOK exige como *input* o arquivo de dados criado pelo usuário e sua função é comparar os símbolos do arquivo de dados com os símbolos do arquivo de especificação de fatores. Assim, são detectados eventuais erros de digitação ou de classificação no arquivo de dados. Esses erros devem ser corrigidos para que os dados possam servir para a análise estatística.

O programa READTOK tem como *input* o resultado do programa anterior e sua função é agrupar as seqüências idênticas, somando-as, e criar um arquivo de símbolos. Esse novo arquivo será o *input* do programa seguinte, o MAKECELL.

Esse terceiro programa fornece as percentagens de aplicação da regra em cada grupo de fatores. Para tanto, ele junta os símbolos iguais em todos os grupos, calcula os percentuais e cria um arquivo de células para o IVARB, que calcula as

probabilidades da regra variável. Antes de rodar o quarto programa, se necessário, recorre-se ao arquivo de condições para fazer amalgamações ou eliminar knockouts.

O IVARB trabalha com níveis diversos de análise, realizando comparações entre os valores probabilísticos atribuídos aos valores individuais. A comparação pode ir de zero a N (*step up*) ou, de forma inversa, de N a um (*step down*). O objetivo desses níveis de análise é verificar a interferência entre as variáveis, ou seja, verificar a influência das variáveis analisadas sobre a variação da lateral pós-vocálica, no caso do presente estudo. Os resultados de uma variável vão sendo adicionados aos de outra até se chegar aos resultados de todas que se mostraram relevantes para o estudo da regra variável em pauta.

Para a análise dos resultados, leva-se em conta o seguinte: no desempenho dos fatores, avaliado em um intervalo de 0 a 1, um fator será inibidor se a análise probabilística apresentar valores menores que .50, favorecedor se os valores forem maiores que .50 e neutro se os valores ficarem ao redor de .50, ou seja, esse fator não é significativo na aplicação da regra (Cedergren; Sankoff, 1974).

2.3 Definição operacional das variáveis

2.3.1 Variável dependente

2.3.1.1 Vocalização da lateral

Em posição pós-vocálica, o /l/ pode apresentar-se como [w] mediante certas condições lingüísticas e extralingüísticas. Exemplos: *sa[w]* por *sa[ɔ]*, *co[w]chão* por *co[ɔ]chão*.

2.3.2 Variáveis independentes

2.3.2.1 Variáveis extralingüísticas

2.3.2.1.1 Grupo étnico

Devido ao processo de povoamento, há, no Rio Grande do Sul, quatro regiões diferenciadas: a região metropolitana, cujos primeiros habitantes são de origem lusitana; a região de colonização alemã, cujos habitantes são de origem alemã; a região de colonização italiana, cujos habitantes são de origem italiana e a região fronteiriça, cujos habitantes são de origem lusitana, mas distintos dos metropolitanos pela vizinhança com o Uruguai, país de origem espanhola.

Esta variável compreende, então, quatro fatores: os grupos dos metropolitanos, alemães, italianos e fronteiriços.

2.3.2.1.2 Sexo

Foi atestado por Labov (1972) e registrado anteriormente por outros autores que o sexo pode desempenhar um papel importante na variação sociolingüística. Por

isso, para a amostra de cada grupo étnico, foram selecionados informantes do sexo masculino e informantes do sexo feminino.

2.3.2.1.3 Faixa etária

Para verificar a relevância dessa variável no presente estudo, dividiram-se os informantes em duas faixas etárias: de 20 a 40 anos e de 41 a 55 anos.

2.3.2.2 Variáveis lingüísticas

2.3.2.2.1 Acento

Admitindo-se que a posição na sílaba pode ou não ter influência na variação da lateral pós-vocálica, consideraram-se os seguintes elementos:

- a) sílaba tônica: pólvora, dental;
- b) sílaba pretônica: calmante, almoço;
- c) átona final: fácil, possível.

2.3.2.2.2 Contexto fonológico precedente

Em relação a essa variável, foram analisadas as sete vogais:

- a) /a/: hospital, calçados;
- b) /e/: horrível, saudável;
- c) /E/: mel, quartel;
- d) /i/: bombril, Brasil;
- e) /o/: solteira, polvilho;
- f) /□/: folga, volta;

g) /u/: sul, vulto;

Em função dos resultados estatísticos fornecidos pelo programa, posteriormente foi necessário dividir as vogais em:

a) vogal baixa posterior /a/ e vogais médias posteriores /o, ɔ/;

b) vogal alta posterior /u/;

c) vogais médias anteriores /e, E/;

d) vogal alta anterior /i/.

2.3.2.2.3 Contexto fonológico seguinte

Tem sido observado em alguns estudos (Bisol, 1981; Votre, 1978 e outros) que esse contexto pode desempenhar um papel relevante sobre a variação. As vogais ou consoantes que seguem a lateral pós-vocálica foram, então, classificadas em oito grupos:

a) vogal anterior: carnaval é, difícil eu;

b) vogal posterior: papel assim, mal uma;

c) consoante alveolar: voltamos, salsa;

d) consoante labial: calmo, galpão;

e) consoante lateral: pessoal lá, tal lugar;

f) consoante palatal: acolchoados, última;

g) consoante velar: alcançou, alguém;

h) pausa: sul#, espanhol#.

Devido ao fato de alguns desses fatores apresentarem resultados estatísticos próximos, tivemos de fazer amalgamações que resultaram os seguintes grupos:

a) consoantes altas (palatais e velares);

- b) consoante labial;
- c) consoante lateral;
- d) consoante alveolar e pausa;
- e) vogais.

2.3.2.2.4 Posição da lateral

Com o objetivo de se verificar se a posição em que se encontra a lateral pós-vocálica tem influência sobre sua variação, examinaram-se as seguintes posições:

- a) final de sílaba: algumas, cultivando;
- b) final de vocábulo: animal, aluguel;
- c) derivação: lealdade, maldade;
- d) composição e sufixos especiais -mente e -zinho: geralmente, pastelzinho.

Os resultados estatísticos fornecidos pelo programa forçaram-nos a agrupar as posições em que se encontra a lateral da seguinte forma:

- a) interior do vocábulo (estão incluídos aqui final de sílaba e derivação);
- b) final de vocábulo;
- c) composição e sufixos especiais -mente e -zinho.

2.3.2.2.5 Sândi

Visto que o presente estudo trata do /l/ em posição pós-vocálica, o contato que se estabelece entre essa consoante e a consoante ou vogal seguinte pode ser significativo. Afinal, o sândi, variação morfofonêmica de condicionamento fonológico resultante da juntura, pode provocar a ressilabação dessa consoante, colocando-a numa posição pós-vocálica.

Para verificar o papel desta variável, o contexto foi classificado em:

a) com sândi: futebol + até, mal + educado;

b) sem sândi: algarismos, mal#, sal na.

2.4 Codificação dos dados

Ouviram-se as fitas e transcreveram-se as frases que continham a palavra com a variação em questão ou apenas a própria palavra, no caso da primeira parte da entrevista (teste).

Em cada palavra, o fonema em estudo recebeu uma classificação de acordo com as variáveis definidas na seção 2.3. Esses dados codificados (a classificação de cada fonema) foram, então, submetidos à análise computacional.

Segue um exemplo demonstrando como ocorreu esse processo, com a análise de variáveis extralingüísticas, que classificam o informante, e variáveis lingüísticas, que classificam o segmento em estudo:

(1)	Aplicação	Frequência	Variáveis analisadas	Vocábulo
	2	3	metropolitano	almoço
			homem	
			36 anos	
			sílaba pretônica	
			vogal posterior (/a/)	
			consoante seguinte: labial	
			posição: final de sílaba	
			sem contexto de sândi	

Lê-se desse modo:

Na entrevista do informante X, da região metropolitana, do sexo masculino, com idade de 36 anos, houve três ocorrências do vocábulo *almoço*, sendo que em duas delas houve vocalização da lateral. O /l/ foi assim classificado: está em sílaba pretônica, é precedido pela vogal /a/, seguido pela consoante labial /m/, está em final de sílaba e não está em contexto de sândi.

3 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS ESTATÍSTICOS E PROBABILÍSTICOS

Nesse capítulo serão descritos e discutidos os resultados estatísticos e probabilísticos obtidos através da análise computacional realizada pelo conjunto de programas VARBRUL sobre a variação da lateral pós-vocálica na fala de indivíduos de quatro regiões diferenciadas do sul do país.

Os resultados serão apresentados considerando-se a totalidade dos informantes. Serão apresentados somente os resultados referentes às variáveis selecionadas pelo programa IVARB.

3.1 Variáveis extralingüísticas

3.1.1 Grupo étnico

TABELA 1 - Efeito da variável *grupo étnico* sobre a vocalização do /l/ pós-vocálico

Fatores	Frequência	Peso relativo
Metropolitanos	652/715 = 91%	.95
Alemães	73/363= 20%	.25
Italianos	149/641 = 23%	.26
Fronteiriços	142/525 = 27%	.31
TOTAL	1016/2244 = 45%	
<i>input</i> .34 (383 células)		

Essa foi a variável escolhida em primeiro lugar como relevante pelo programa IVARB.

Os resultados comprovam o que era esperado: o grupo dos metropolitanos é o que mais aplica a regra (conversão da lateral pós-vocálica em [w]). Os fronteiriços vêm em segundo lugar, mas com valores muito baixos. Seguem-nos os italianos e os alemães, com valores bastante próximos.

Podemos dizer, então, que a regra é praticamente categórica para os metropolitanos, e inferir, a partir disso, que se trata de uma regra telescópica, pois, de acordo com Malmberg (1954), esse tipo de mudança tem início nas grandes cidades. Essa regra ... *pode ser definida geralmente como a perda de um estágio intermediário em uma derivação fonológica* (Hyman, 1975, p. 173)¹. Isto é, houve um momento em que existiam todos os estágios. No presente, um dos estágios pode não mais existir, mas deve ter existido anteriormente.

¹ "... can be defined generally as the loss of an intermediate stage in a phonological derivation". (Hyman, 1975, p. 173)

Lopez (1980) prevê três estágios pelos quais passaria o /l/ em final de sílaba: a) velarizado [ɔ], b) velarizado e labializado [l^w] ou c) vocalizado em [w]. A análise dos dados dessa pesquisa, que só considerou o primeiro e o terceiro estágios nos termos colocados por Lopez (1980), permite afirmar que, na capital, a regra encontra-se na fase final, pois o primeiro estágio já não existe mais; nas demais regiões, a regra ainda se encontra no primeiro estágio.

Com respeito à faixa etária, variável não escolhida como relevante pelo programa, constatamos em um outro nível de análise dessa mesma rodada do programa IVARB (seção 2.2.4) que os mais jovens (com idades que variam de 20 a 40 anos) e os mais velhos (com idades que variam de 41 a 55 anos) se comportam de forma semelhante em relação à aplicação da regra em estudo (respectivamente .49 e .51), o que oferece evidência em favor de estarmos diante de uma regra em evolução. Vejamos a tabela que mostra os resultados referentes a essa variável:

TABELA 2 - Efeito da variável *faixa etária* sobre a vocalização do /l/ pós-vocálico

Fatores	Frequência	Peso relativo
20-40 anos	684/1352 = 51%	.49
41-55 anos	332/892 = 37%	.51
TOTAL	1016/2244 = 45%	

input .34 (383 células)

3.1.2 Sexo

TABELA 3 - Efeito da variável *sexo* sobre a vocalização do /l/ pós-vocálico

Fatores	Frequência	Peso relativo
Homem	574/1210 = 47%	.47
Mulher	442/1034 = 43%	.53
TOTAL	1016/2244 = 45%	

input .34 (383 células)

Percebe-se nessa tabela que, em relação à variável *sexo*, os valores se aproximam bastante do ponto neutro, mostrando-se inexpressivos. De qualquer forma, constata-se alguma vantagem por parte da mulher em relação à aplicação da regra.

Considerando-se esses resultados, admite-se conforme Labov (1972) que, apesar de essa ser uma variável que possa exercer influência sobre o uso de uma regra, não se pode atribuir aos homens ou às mulheres o papel de inovadores da língua, pois, com essa variável *sexo*, interagem outros fatores sociais. Resultados semelhantes encontram-se em Bisol (1981), Hora Oliveira (1990) e Monaretto (1992).

3.2 Variáveis lingüísticas

3.2.1 Acento

TABELA 4 - Efeito da variável *acento* sobre a vocalização do /l/ pós-vocálico

Fatores	Frequência	Peso relativo
Tônica (pólvora, dental)	582/1234 = 47%	.67
Pretônica (calmante, almoço)	397/848 = 47%	.60
Átona final (fácil, possível)	37/162 = 23%	.24
TOTAL	1016/2244 = 45%	

input .34 (383 células)

Os resultados dessa variável mostram um comportamento semelhante da lateral pós-vocálica em sílabas tônicas e pretônicas, revelando que a vocalização da lateral é favorecida nessas duas posições. Percebe-se, ainda, que os valores próximos dessas categorias opõem-se aos valores bastante baixos referentes às átonas finais. Nessa posição, a lateral tende a ser preservada. Parece, pois, que o acento tem papel importante no processo de vocalização da lateral.

3.2.2 Contexto fonológico precedente

TABELA 5 - Efeito da variável *contexto fonológico precedente* sobre a vocalização do /l/ pós-vocálico

Fatores	Frequência	Peso relativo
/a/, /o/, /□/ (hospital, solteira, folga)	855/1775 = 48%	.55
/u/ (vulto)	55/170 = 32%	.34
/e/, /E/ (horrível, mel)	51/101 = 50%	.66
/i/ (Brasil)	55/198 = 28%	.44
TOTAL	1016/2244 = 45%	

input .34 (383 células)

De acordo com os resultados dessa tabela, as vogais médias anteriores /e/ e /E/ são as que mais favorecem a aplicação da regra, seguindo-se-lhes as posteriores /a/, /o/ e /□/. São as vogais altas (/i/, /u/) que a favorecem menos, sobretudo a posterior /u/. Neste particular, vale lembrar a observação de Câmara Jr. (1977, p. 45):

...a variedade locucional que chamamos relaxada (/w/) anula essa oposição (/l/ velar ~ /w/) depois de /a/ ou vogal anterior. Como depois de vogal posterior não aparece /w/ (pois /ow/ confunde-se com /o/ e /uw/ e /ôw/ não constam do vocabulário português), /w/ e /l/ velar passam a constituir uma distribuição complementar de /l/ em posição pós-vocálica, conforme a vogal precedente seja respectivamente anterior ou posterior e os ditongos decrescentes com /w/ reaparecem em português.

Esse quadro permite também que se faça uma relação entre vogais altas e não-altas, pois a /i/ e /u/ são atribuídos valores mais baixos. Assim, pode-se dizer que as vogais altas, seja /i/ seja /u/, tendem a preservar a forma original, enquanto as

demais vogais tendem a favorecer a vocalização da lateral, pois se apresentam com números acima de .50, seja /a, o, □ /, seja /e, E/, que, na tabela, estão separados.

Isso pode estar relacionado com o fato de se criarem ditongos nítidos no caso de vogais não-altas, isto é, quando ficam foneticamente separadas quanto à altura (com valores distanciados, portanto), o que favorece a regra; já no caso de duas vogais com a mesma altura (com valores pouco distanciados), haveria uma tendência a reter o processo em virtude de as combinações entre duas altas se prestarem a interpretações ambíguas.

3.2.3 Contexto fonológico seguinte

TABELA 6 - Efeito da variável *contexto fonológico seguinte* sobre a vocalização do /l/ pós-vocálico

Fatores	Frequência	Peso relativo
Consoantes altas (palatal e velar) (acolchoado, alguém)	209/388 = 54%	.67
Labial (galpão)	179/413 = 43%	.41
Lateral (tal lugar)	8/14 = 57%	.65
Alveolar e pausa (salsa, sul#)	564/1254 = 45%	.57
Vogais (carnaval é, mal uma)	56/175 = 32%	.22
TOTAL	1016/2244 = 45%	
<i>input</i> .34 (383 células)		

Os resultados dessa tabela mostram grande proximidade entre os valores referentes às consoantes altas e à lateral. Logo em seguida vêm os valores referentes

à alveolar e à pausa, ainda positivos. Abaixo do ponto neutro, localizam-se os valores referentes à labial e às vogais, sendo que as vogais são o contexto que menos favorece a regra. O contexto fonológico seguinte revela, pois, papéis diferenciados.

Sendo [w] emitido com o dorso da língua elevado, é logicamente compreensível o fato de consoantes com articulação alta favorecerem a vocalização do /l/ em posição pós-vocálica. Assim, tanto a consoante velar, articulada com o dorso da língua levantado, quanto a palatal, emitida com todo o corpo da língua levantado, são fatores relevantes para a aplicação da regra em pauta.

Também a lateral seguinte é fator relevante para o uso da regra em estudo. Esse favorecimento ampara-se na lei do menor esforço, pois a produção de uma lateral velar (ta[ɔ]) e, logo a seguir, uma lateral dental ([l]ugar) exigiria um grande esforço por parte do falante. Portanto, a vocalização da lateral, nesse caso, ocorre para impedir a combinação indesejável ɔ + l.

Agrupadas as alveolares e a pausa por apresentarem, quando separadas, valores similares, qualquer comentário sobre esse comportamento se torna difícil em virtude de se tratar de elementos diferentes.

Por fim, as vogais (.22) e a consoante labial (.41) apresentam indícios numéricos que permitem atribuir-lhes um papel negativo no uso de [w] por [ɔ]. Com efeito, os números indicam que tenderiam a preservar a forma antiga.

3.2.4 Posição da lateral

TABELA 7 - Efeito da variável *posição da lateral* sobre a vocalização do /l/ pós-vocálico

Fatores	Frequência	Peso relativo
No interior do vocábulo (algumas, maldade)	385/949 = 41%	.36
Final de vocábulo (animal#, sal#)	483/1085 = 45%	.38
Composição e sufixos especiais –mente e –zinho (geralmente, pastelzinho)	148/210 = 70%	.75
TOTAL	1016/2244 = 45%	
<i>input</i> .34 (383 células)		

Os resultados da análise estatística e probabilística dessa variável mostram que a preservação da lateral tende a ser a regra que prevalece tanto no interior do vocábulo (almoço) quanto no final do vocábulo (sal). Onde a regra em estudo, a vocalização da lateral, mostra-se mais atuante é na composição ou diante de sufixo especial (paste[ɔ]zinho>paste[w]zinho).

Concluindo, todas essas considerações vêm em apoio à nossa pressuposição inicial: a lateral velarizada [ɔ] é ainda um traço presente no dialeto gaúcho, embora a variante vocalizada [w], como vimos, também venha a manifestar-se com certa consistência. O percentual de uso de [w] assim se coloca:

$$(1) \quad \text{Percentual: } \frac{1016}{2244} \quad 45\%$$

Esses valores demonstram que já houve um avanço significativo do uso da variante vocalizada em relação à variante velarizada e que a regra está em evolução.

4 ANÁLISE FONOLÓGICA

A Fonologia Gerativa tem sofrido, nas últimas décadas, notáveis avanços no que se refere à organização de traços dos segmentos e sua representação. Assim, têm sido propostas teorias como a Fonologia Autossegmental e a Geometria dos Traços. Para se verificar a inter-relação da fonologia com a morfologia e a sintaxe, surgiu a Fonologia Lexical.

É a partir dessas teorias, cujos pressupostos básicos serão expostos nas seções seguintes, que será conduzida a interpretação dos dados referidos no capítulo 3.

4.1 Fonologia Autossegmental

Em relação à concepção de segmento e de sua organização estrutural, diz Goldsmith (1979, p. 203):

... abandona-se a idéia de que as representações fonológica e fonética consistem numa única cadeia ou concatenação de segmentos. Ao invés disso, considera-se que formas subjacentes e de superfície consistem em cadeias paralelas de segmentos, dispostas em duas ou mais camadas^{1,2}.

¹ O termo *tier* foi traduzido para *camada* em português.

É o que preconiza a Fonologia Autossegmental: cada seqüência de segmentos é independente em si mesma. Essa teoria surge a partir dos estudos de Leben e William (*apud* Goldsmith, 1979) sobre o sistema tonal das línguas africanas. Esses autores observaram que segmentos subjacentes de uma representação fonética consistem em duas seqüências independentes e separadas, contendo uma a informação tonal, e a outra, todo o resto. No entanto, a Fonologia Autossegmental não se limitou a esse tipo de representação, mas tem sido utilizada para esclarecer e representar outros fenômenos lingüísticos de várias línguas, que, de outra forma, não poderiam ser formalizados.

Para tanto, a Fonologia Autossegmental faz uso de dois princípios básicos, a Condição de Boa Formação e o Princípio do Contorno Obrigatório (Goldsmith, 1979, p. 207):

(1) Condição de Boa-Formação:

- (1) Cada vogal deve ser associada a (pelo menos) um tom.
- (2) Cada tom deve ser associado a (pelo menos) uma vogal.
- (3) As linhas de associação não podem cruzar-se.³

Essa convenção tem o efeito de tornar representações malformadas em bem-formadas pela adição ou apagamento de linhas de associação. Isso foi estendido para a Fonologia Segmental de modo que itens, traços ou segmentos devem estar associados a algum ponto do nível imediatamente superior.

² "... we let go of the assumption that phonological and phonetic representations consist of a single string, or concatenation of segments. Instead, we set up underlying and surface forms consisting of parallel strings of segments arranged in two or more tiers". (Goldsmith, 1979, p. 203)

³ "Well-Formedness Condition

- (1) Each vowel must be associated with (at least) one toneme.
- (2) Each toneme must be associated with (at least) one vowel.
- (3) No association lines may cross." (Goldsmith, 1979, p. 207)

O Princípio do Contorno Obrigatório (OCP), proposto por Leben (*apud* Goldsmith, 1979), exclui a possibilidade de haver segmentos adjacentes idênticos no nível melódico. Nesse caso, os dois elementos ficam ligados a uma só representação.

Vejam agora os pressupostos básicos da Teoria da Geometria dos Traços Fonológicos desenvolvida por Clements (1985, 1989, 1991) a partir dos quais se chegará a uma proposta de análise para a velarização e a vocalização da lateral pós-vocálica.

4.2 A Geometria dos Traços Fonológicos

De acordo com Clements (1989), o objetivo principal da teoria fonológica é encontrar uma forma de expressar o fato de que certos conjuntos de traços atuam geralmente como unidades funcionais únicas em relação às regras fonológicas. E o autor continua, exemplificando:

... considera-se que os traços que caracterizam as articulações laringais tendem a formar uma unidade; aqueles que descrevem a articulação da frente da língua, outra; aqueles que descrevem a articulação do dorso da língua, uma terceira, e assim por diante para cada articulador independente. (Clements, 1989, p. 1)⁴

Para atingir esse objetivo, é de fundamental importância verificar como os traços que caracterizam os segmentos são organizados. É essa a preocupação de Clements (1985, 1989, 1991) ao estudar a Geometria dos Traços Fonológicos.

Assim, a descoberta de que os fonemas não são os menores constituintes da análise fonológica, mas que são constituídos por traços e a constatação de Bloomfield de que o fonema é um feixe de traços contribuíram grandemente para o estudo da organização dos traços fonológicos. Mas essa visão ainda sugeria uma desorganização inerente, ou seja, falta de estrutura interna.

Inicialmente, os fonologistas contentavam-se em representar os fonemas como matrizes de traços, já que essa representação era, e ainda é, atraente e largamente aceita, pois fornece representações fonológicas com uma simples estrutura matemática facilmente suscetível para manipulação analítica e computacional e permite uma formalização muito elegante das regras. Porém, nesta representação, não está incorporada a noção de hierarquia entre os traços.

Assim, para que isso fique mais claro, considere-se uma matriz de traços de duas dimensões, tal como a do exemplo de Clements (1985, p. 225):

(2)		p	i	n
	silábico	-	+	-
	sonorante	-	+	+
	contínuo	-	+	-
	alto	-	-	-
	posterior	-	-	-
	sonoro	-	+	+
	.			
	.			
	.			

Aí se constata que cada conjunto de traços está preso a um fonema, caracterizando-o. Nessa condição, o traço não pode funcionar como unidade independente, pois os traços não estão hierarquicamente organizados.

⁴ "... we find that features which characterize laryngeal articulations tend to form one unit, those describing front-of-the-tongue articulation another, those describing tongue dorsum articulation a

Chamando atenção para essa necessidade, Clements (1985) afirma que a organização hierarquizada pode apresentar-se de duas formas: como um ordenamento seqüencial de traços dentro de unidades de nível mais alto, como é proposto na Fonologia Autossegmental e na Fonologia Métrica, ou como agrupamentos simultâneos de traços dentro de conjuntos funcionalmente independentes, como é mostrado pelos resultados mais recentes da Fonologia Autossegmental.

Ainda segundo Clements (1985), uma forma de representar esses traços que funcionam como se fossem independentes do segmento a que estão associados é em termos de representações de camadas ou níveis, nos quais os traços individuais e grupos de traços são indicados em camadas separadas. Assim, afirma o autor:

Como nós sabemos do estudo do tom, da harmonia vocálica, da nasalidade, etc., regras podem afetar segmentos em uma camada sem afetar segmentos em outras camadas. (Clements, 1985, p. 227)⁵

Com isso, o autor pretende determinar a estrutura hierárquica de uma representação de traços pelo exame de processos que revelem a independência de certos traços em relação a outros. Com efeito, sendo os conjuntos de traços agrupados em camadas individuais, torna-se fácil compreender que eles se comportam como uma unidade funcional em relação às regras.

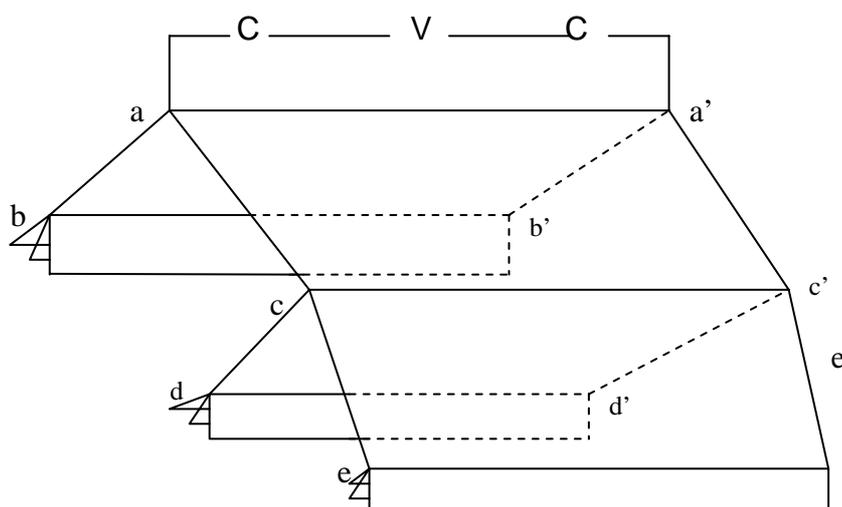
Como uma alternativa de representação para sua teoria, Clements (1985) desenvolve um modelo a partir das propostas de Mascaró e Mohanan (*apud* Clements, 1985). Nessa concepção, traços individuais são organizados sob nódulos hierarquicamente superordenados, chamados nódulos de classe. Esses são dominados

third, and so forth for each of the independent articulators". (Clements, 1989, p. 1)

por um nódulo de classe de nível mais alto, chamado nódulo da raiz, que, por sua vez, é diretamente ligado à camada CV. Ainda segundo essa visão, o conteúdo fonético de um segmento é disposto em dois diferentes tipos de camadas, as camadas de traço e as camadas de classe (incluindo a camada de raiz).

Clements (1985, p. 229), em sua proposta preliminar, indica as seguintes camadas de classe: a camada da raiz, a camada laringal, a camada supralaringal, a camada de ponto e a camada de modo, que estão organizadas da seguinte forma:

(3)



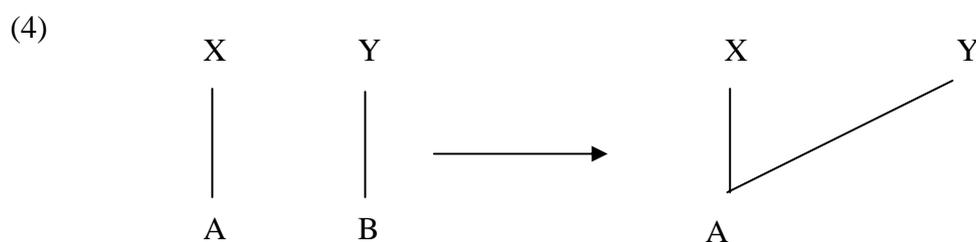
aa` = camada da raiz, bb` = camada laringal, cc` = camada supralaringal, dd` = camada de modo, ee` = camada de ponto

Um modelo desse tipo corresponde, de acordo com Clements (1985, 1989), ao aparato de produção da fala humana, cuja principal característica é ser componencial por natureza, envolvendo a coordenação de gestos simultâneos e parcialmente sobrepostos. Esses gestos mostram vários graus de independência

⁵ "As we know from the study of tone, vowel harmony, nasality and the like, rules may affect segments on one tier without affecting segments on other tiers." (Clements, 1985, p. 227)

mútua, já que os sons da fala são constituídos por conjuntos de traços provenientes da atividade da língua, lábios, véu palatino, laringe, e assim por diante, os quais são, eles próprios, organizados em uma hierarquia de conjuntos maiores. A produção da fala exige a coordenação precisa desses vários componentes de tal forma que possam ser executados estágios articulatórios de seqüências que se sobrepõem.

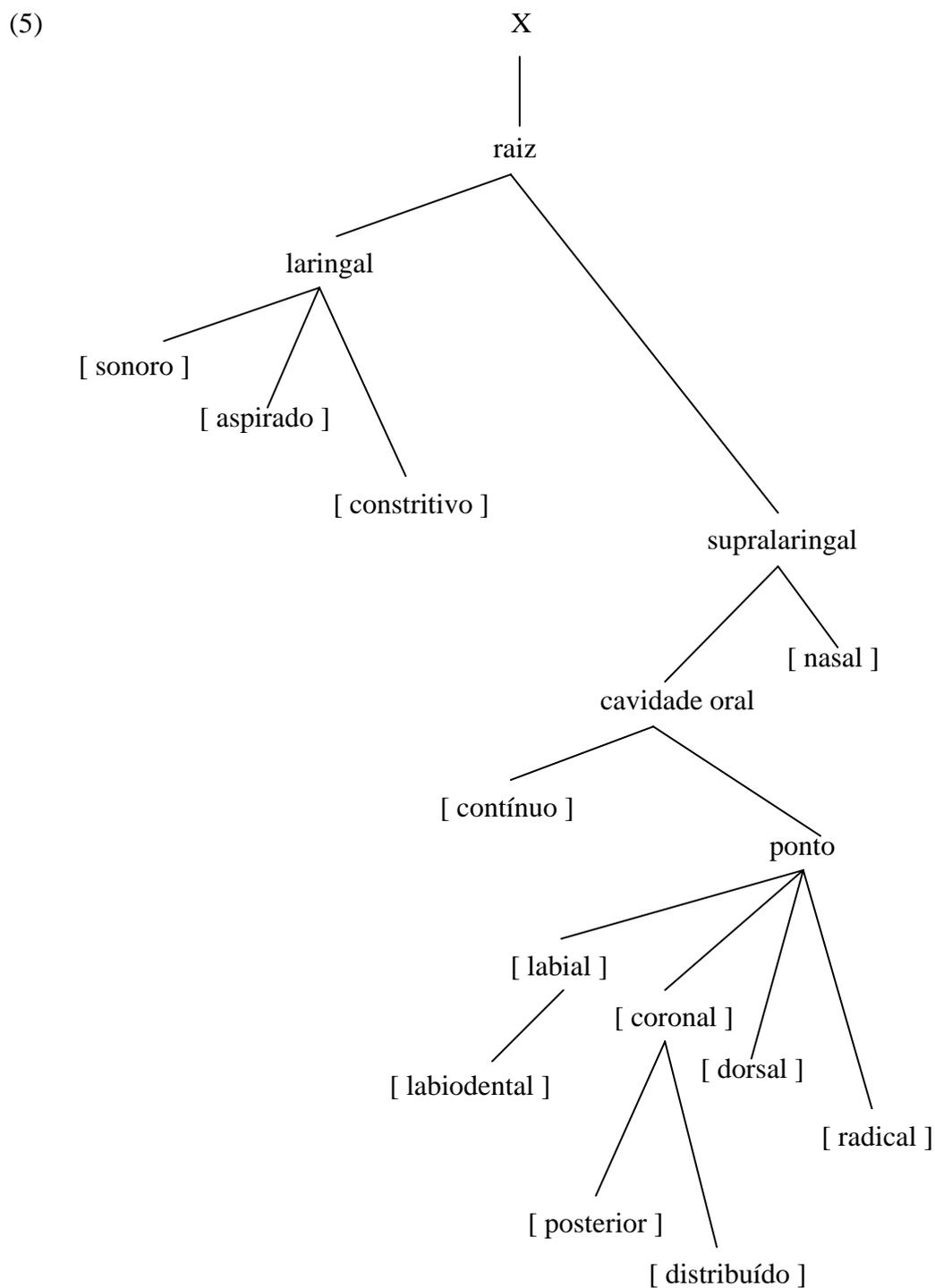
O modelo representa também a reflexão correta dos tipos e graus de independência fonológica encontrada entre os traços fonéticos. Há, por exemplo, processos como os de assimilação de sonoridade ou aspiração, que podem envolver apenas os traços laringais, sem afetar os supralaringais, ou o inverso. Assimilações de traços, de modo geral, podem ser descritas como o espraiamento de um elemento de uma camada para uma nova posição em camada adjacente. A assimilação pode, portanto, ser esquematizada da seguinte forma (Clements, 1985, p. 231):



Como se vê na representação acima, o traço não está mais ligado a apenas um segmento; a relação não é mais restrita. O traço A, que se espraiou, é associado a duas posições na referida camada e o traço B poderá ser eliminado ou não da representação resultante, dependendo do tipo de assimilação.

Essa visão a respeito da organização dos traços fonológicos pode ser modelada em termos de representações arbóreas, nas quais os traços que atuam conjuntamente em regras lingüísticas são agrupados numa estrutura hierárquica. Esse

tipo de representação tem sido proposta por muitos autores em diferentes textos (entre outros, Clements, 1985; Sagey, 1986; McCarthy, 1988). Há pequenas modificações de uma proposta em relação às outras, mas todos os autores concordam que tais estruturas arbóreas contêm pelo menos um nóculo de raiz dominando um nóculo de ponto e um nóculo laringal, e um conjunto de traços terminais que, de acordo com Halle (*apud* Clements, 1989), são ampliados com os traços articuladores [labial], [coronal] e [dorsal]. Abaixo segue a representação proposta por Clements (1989, p. 2):



De acordo com Clements (1989, p. 3):

A afirmação básica que emerge de representações como a de (5) é que qualquer constituinte na árvore, abaixo da raiz até os nódulos terminais, pode comportar-se como uma unidade independente em regras fonológicas. Portanto, por reconhecer um constituinte

[coronal], por exemplo, nós expressamos o fato de que [posterior] e [distribuído] podem comportar-se como uma só unidade em relação às regras.⁶

Da mesma forma, afirma Clements (1985), o nódulo de raiz tem também um *status* especial nesse tipo de representação, pois expressa a unidade fundamental de segmentos fonológicos, permitindo que todos os traços de uma determinada consoante ou vogal possam funcionar como uma unidade simples. Isso é exemplificado em muitas línguas por processos de alongamento, inserção, apagamento ou até permutas completas de consoantes ou vogais.

Outra observação importante a respeito da representação em questão é que nem todos os traços podem co-ocorrer livremente, mas que cada traço terminal implica a presença de todos os nódulos que o dominam. Assim, exemplifica Clements (1989, p.3):

... o traço [+distribuído] pode ocorrer na representação de um segmento somente se o nódulo [+coronal] estiver também presente, expressando o fato de que um som pode ser caracterizado pela propriedade da distributividade somente se ele for também coronal.⁷

A evidência crucial para determinar a estrutura de representações de traço tal como proposta em (5) decorre do estudo de regras fonológicas, que Clements (1989, p. 3) define como

⁶ "The basic claim of representations such as that in (5) is that any constituent in the tree, from the root down to the terminal nodes, may behave as an independent unit in phonological rules. Thus by recognizing a constituent [coronal], for example, we express the fact that [back] and [distributed] may behave as a single unit with respect to rules." (Clements, 1989, p. 3)

⁷ "... the feature [+distributed] may occur in the representation of a segment only if the node [+coronal] is also present, expressing the fact that a sound can be characterized by the property of distributedness only if it is also coronal". (Clements, 1989, p. 3)

*... formulações de regularidades observadas na fala de indivíduos de uma dada língua, algumas das quais são estáticas por natureza e algumas das quais são processuais.*⁸

Para o lingüista, interessam as chamadas regras elementares, que são aquelas independentes, não compostas por outras. Essas constituem os elementos básicos dos quais as regras mais complexas (regras compostas) são formadas.

As regras compostas, para o lingüista, representam padrões idiossincráticos de fusão histórica e apresentam maior dificuldade para serem internalizadas. Ainda segundo Clements (1989), os tipos comuns de regras elementares incluem assimilação, dissimilação, apagamento, metátese, fissão e fusão. A cada uma dessas corresponde um tipo de regra elementar, definido por uma operação formal única em representações. As regras elementares são universais no mesmo sentido em que os traços fonológicos são universais, ou seja, podem ser utilizadas em qualquer língua.

Assim, é possível restringir operações fundamentais a um pequeno conjunto dessas regras primitivas, o que nos permite diminuir o poder de modelos transformacionais *standard*, que eram desenvolvidos na ausência de uma teoria substantiva de tipos de regra. Clements (1989, p. 4) exemplifica:

*... pela eliminação do uso de variáveis livres e pelo tratamento de processos elementares de assimilação como o espraiamento de nós únicos em estruturas de árvore, a Fonologia Autosegmental restringe regras de assimilação a um pequeno conjunto de operações arbóreas possíveis, que afetam 'somente os mesmos traços em diferentes segmentos' e 'conjuntos particulares de traços em ambientes particulares'...*⁹

⁸ "... statements of regularities observed in the speech of speakers of a given language, some of which are static in nature and some of which are processual". (Clements, 1989, p. 3)

⁹ "... by eliminating the use of free variables and by treating elementary assimilation processes as the spreading of single nodes in tree structures, autosegmental phonology restricts assimilation rules to a small set of possible tree operations, which affect 'only the same feature in different segments' and 'particular sets of features in particular environments'...". (Clements, 1989, p. 4)

Dessa forma, a Fonologia Autossegmental possibilita que tipos de regras elementares, como a assimilação, sejam caracterizadas em termos de operações simples e unitárias nas estruturas arbóreas, uma vez que esse objetivo não pôde ser alcançado através do formalismo da Fonologia Gerativa *Standard*.

Mas a busca por modelos cada vez mais adequados para explicar os fenômenos lingüísticos permanece. Dessa forma, vejamos a abordagem a respeito dos traços fonológicos de Clements (1991), que trata especificamente de traços de ponto para consoantes e vogais.

4.3 Ponto de articulação em consoantes e vogais: uma teoria unificada

Clements (1991) pretende caracterizar os pontos de articulação em consoantes e vogais através de traços comuns, com o objetivo de que essa organização de traços em subclasses resulte o comportamento de consoantes e vogais como uma só unidade para processos como assimilação e apagamento.

O modelo de traços proposto pelo autor reúne o que já foi feito anteriormente nessa área, mas agora com a proposta inovadora de que traços de ponto de articulação de vocóides (vogais e glides) são parcialmente segregados daqueles de consoantes, pois são designados para diferentes camadas ou planos na representação fonológica. Isso se deve ao fato de que traços de ponto ou zona de articulação de vogais (daqui por diante PV) espriam mais livremente que traços de ponto de articulação de consoantes (daqui por diante PC). Por exemplo, sabe-se que traços de

PV não são bloqueados pela presença de consoantes intervenientes em processos de harmonização vocálica e assimilação.

Em trabalho anterior de Clements (1985), consoantes e vocóides foram indicadas para diferentes traços de ponto de articulação e, conseqüentemente, colocadas em camadas diferentes, não ligadas a uma classe em comum. Assim, traços de PC como, por exemplo, coronal seriam colocados em um conjunto de planos e traços de ponto de vocóides, como, por exemplo, posterior, em outro. De acordo com o autor:

A presente abordagem mantém um grau similar de segregação de traços de ponto, mas usa o mesmo conjunto de traços para consoantes e vogais. (Clements, 1991, p. 78)¹⁰

Esse segundo conjunto inclui os traços da cavidade oral labial, coronal, dorsal e possivelmente um traço de cavidade faringal radical, localizado abaixo do nó faringal.

Para definir os traços primários de ponto de consoante, Clements (1991) adota as definições de Sagey (1986) em relação aos nós labial, coronal e dorsal. Assim, diz que uma consoante labial é aquela que envolve os lábios como um articulador ativo, uma consoante coronal é aquela que envolve a frente da língua e uma consoante dorsal é aquela que envolve o corpo da língua. Além desses, há o traço radical (ou faringe constrita), que designa um som formado com uma constrição na faringe mais baixa (Perkell *apud* Clements, 1991). O autor cita também McCarthy (1991), que define nó faringal (ao qual radical se liga) como qualquer

¹⁰ "The present approach maintains a similar degree of segregation of place features, but uses the same set of features for consonants and vocoids." (Clements, 1991, p. 78)

articulação formada na cavidade faringal a partir da laringe para a úvula, e inclui sons laringais em alguma línguas.

Na presente abordagem de Clements (1991, p. 79), as definições de traço de Sagey (1986) são estendidas aos traços de PV da seguinte forma:

- (6) a) *labial* caracteriza vogais produzidas com uma constrição nos lábios (vogais arredondadas);
 b) *coronal* caracteriza vogais produzidas com uma constrição da ponta, lâmina ou frente da língua (vogais anteriores e retroflexas como opostas a vogais centrais e posteriores);
 c) *dorsal* caracteriza vogais produzidas com uma constrição do centro ou parte posterior da língua, isto é, o dorso palatino (vogais posteriores como opostas a vogais anteriores e centrais);
 d) *radical* caracteriza vogais produzidas com uma constrição na faringe mais baixa (vogais baixas e faringalizadas); note que por [radical] se ligar sob [faringal], qualquer segmento [radical] é necessariamente também um segmento [faringal].¹¹

O autor ressalta que essa reinterpretação de traços articuladores permite uma indicação significativamente melhorada de classes naturais de consoantes e vogais.

Para fornecer evidências a um sistema de traços desse tipo, Clements (1991) examina uma larga série de fenômenos fonológicos, incluindo processos de espriamento, restrições dissimilatórias, processos de fortalecimento e enfraquecimento e articulação secundária. O autor apresenta exemplos nos quais vogais e consoantes formam uma classe natural em um único ponto de articulação, como definido por um dos traços articuladores labial, coronal, dorsal e radical. Considerando que o fenômeno de vocalização da lateral tratado nesse trabalho

¹¹ a) *labial* characterizes vowels produced with a constriction at the lips (rounded vowels);
 b) *coronal* characterizes vowels produced with a constriction of the tip, blade or front of the tongue (front and retroflex vowels as opposed to central and back vowels);
 c) *dorsal* characterizes vowels produced with a constriction of the center or back of the tongue, i. e. the palatine dorsum (back vowels as opposed to front and central vowels);
 d) *radical* characterizes vowels produced with a constriction in the lower pharynx (low and pharyngealized vowels); note that since [radical] links under [pharyngeal], any [radical] segment is necessarily also a [pharyngeal] segment. (Sagey *apud* Clements 1991, p. 79)

envolve o traço dorsal, como será visto posteriormente, serão apresentados, neste trabalho, apenas exemplos referentes a esse traço.

Em relação a processos de espraimento, nos quais uma vogal adquire o ponto de articulação de uma consoante vizinha e vice-versa, o autor explica que essas assimilações podem ser chamadas de *cross category*, já que o traço em questão espraia de vocóides para consoantes ou vice-versa. Vejamos um exemplo:

Afirma o autor que, em algumas línguas, vogais dorsais e glides desencadeiam velarização de consoantes vizinhas. Cita, então, um caso interessante dessa interação consoante/vogal que pode ser extraído do Maxacalí, como descrito por Gudschinsky *et al.* (*apud* Clements, 1991) e posteriormente discutido com respeito à teoria dos traços por Reighard (*apud* Clements, 1991). Esse dialeto tem as vogais fonêmicas /i ī e o a/ e suas contrapartes nasais, onde /i/ é uma vogal alta posterior não-arredondada. Nas seqüências tautossilábicas VC (vogal-consoante), uma vogal extracurta não-acentuada nasal é inserida antes da consoante, concordando com ela em nasalidade. Assim, a própria consoante será apagada se for homorgânica com a consoante seguinte. Esses fatos estão ilustrados abaixo (Clements, 1991, p. 88) em dados de Maxacalí:

(7)	se C é	\tilde{V} é
	k/ŋ	ĩ /ĩ̃ (alta post. não-arred.)
	c/ɲ	i /ĩ̃ (alta ant. não-arred.)
	p/m	ẽ /ẽ̃ (mais baixa média post. não-arred.)
	t/n	ə /ə̃ (central não-arred., variando de baixa para alta)

Observa o autor que a vogal epentética concorda em ponto de articulação com a consoante alta seguinte, pois ela é posterior, ou seja, dorsal, antes de uma consoante velar; anterior, ou seja, coronal, antes de uma consoante palatal.

Então, a própria vogal epentética provoca um processo posterior de epêntese, segundo o qual o grupo de vogal + vogal nasal é quebrado por um glide ou consoante cujo ponto de articulação (e nasalidade) depende unicamente da primeira vogal, como mostrado abaixo (Clements, 1991, p. 89):

(8)	se a primeira vogal é (oral ou nasal)	então C é
	i (alta ant. não-arred.)	y / \bar{y}
	o (média post. arred.)	w / \bar{w}
	ī (alta post. não-arred.)	ɣ / $\bar{\eta}$
	a (baixa central ou post. não-arred.)	ɣ / $\bar{\eta}$
	e (média ant. não-arred.)	(nada)

Percebe-se que a consoante ou vogal inserida concorda nos traços [labial, coronal, dorsal] como também [nasal] com a vogal precedente. Portanto, os dados de Maxacalí fornecem-nos evidências suficientes para agrupar consoantes dorsais e vogais posteriores numa classe única [dorsal].

Em relação às restrições dissimilatórias, Clements (1991) diz que vários estudos já realizados confirmam a visão de que os traços labial, coronal, dorsal e faringal definem ponto de articulação em consoantes. Além disso, o autor mostrará que as restrições de co-ocorrência de traços também sustentam a extensão desse conjunto de traços para vogais e articulações secundárias. Essa evidência decorre das restrições de *cross-category*, nas quais um traço de ponto caracterizando uma

consoante sofre dissimilação do mesmo traço que caracteriza uma vocóide, ou vice-versa. Vejamos um exemplo no desenvolvimento histórico do francês:

Entre duas vogais (considerando que uma delas é uma vogal arredondada, isto é, lábio-dorsal - [u] ou [o]), a consoante velar [g] (representando não somente o original [g], mas também o secundário [g] derivado de [k] por sonorização) foi enfraquecida para [ɣ] e, subseqüentemente apagada. Também num estágio anterior na história do francês, a labial [β] dos mais antigos [b] e [w] foi apagada no mesmo contexto. Esses dois processos estão ilustrados abaixo, onde l.v. = latim vulgar (Clements, 1991. p. 93):

- | | | | | |
|-----|----|---|----|---|
| (9) | a. | [ɣ]>∅/ __ [uo]
sêur(>sûr) < securu
fau (>fou) < fagu
lueur < l.v. lucore | b. | [ɣ]>∅/[uo] __
charrue< carruca
rue < ruga
jouer < jocare |
| | c. | [β]> ∅/ __ [uo]
viorne < vibūrna
dëu (>dû) < l.v. debūtu
paon < pavōne | d. | [β]>∅/[uo] __
nue < l.v. nūba
[l]uette < l.v. uvitta
oeille(>ouaille)< òvicula |

Esses apagamentos podem ser explicados em função do OCP (Princípio do Contorno Obrigatório), que conduz à eliminação de especificações adjacentes dos traços [dorsal] em (9)a. e [labial] em (9)b. em seqüências VCV. Essa é, portanto, mais uma fonte de evidência para a unificação de traços de ponto de articulação em consoantes e vogais.

Em relação a processos de fortalecimento e enfraquecimento, Clements (1991) afirma que o ponto de articulação será preservado sob processos que fortalecem vocóides para consoantes, ou que enfraquecem consoantes para vocóides. De acordo com esse novo sistema, traços de ponto de segmentos [+cons.] ligam-se ao

nó de PC, e traços de ponto de segmentos [-cons.] ligam-se ao nó de PV. Assim, quando um processo de fortalecimento troca uma vogal ou glide para uma consoante, seus traços de ponto deveriam automaticamente se religar ao nó de PC, e quando um processo de enfraquecimento troca uma consoante para um glide ou vogal, seus traços de ponto deveriam religar-se ao nó de PV. Vejamos um exemplo envolvendo o traço [dorsal]:

Vocóides lábio-velares podem ser reforçadas para oclusivas velares. Encontram-se exemplos do referido processo nas línguas neolatinas (Clements, 1991, p. 98):

- (10) $\underset{\sim}{u}$ > g: catalão *regna* < latim *reuna*, *sigró* < *ciuró*
italiano *pagura* (alterado de *paura*) < *pauora* < latim *pavore*
 $\underset{\sim}{u}$ > k: rético engadino *kokr* < *kowr* < latim *cor*

Outro exemplo apresentado pelo autor se encontra no espanhol moderno e se relaciona ao desenvolvimento de $[\gamma^w, g^w]$ do glide [w]: por exemplo, *huevo* (ovo) < latim *ōvum* tem as variantes dialetais frequentes $[we\beta o] \sim [\gamma^w e\beta o] \sim [g^w e\beta o]$ (Navarro Tomás *et al.*, 1970 *apud* Clements, 1991, p. 98). Note-se que esse é mais um exemplo que sustenta a análise na qual vogais posteriores são indicadas para o traço dorsal, pois [w] deriva de uma vogal posterior arredondada em todos esses casos, sendo reforçada para fricativas e oclusivas velares.

Esses exemplos, como outros apresentados pelo autor, ajudam a sustentar a proposta da inclusão de [dorsal] entre os traços de ponto compartilhados pelas consoantes e vocóides.

Em relação à articulação secundária, Clements (1991) afirma que o presente modelo pressupõe que para cada tipo de articulação primária (labial, coronal, dorsal, faríngea) deva existir um tipo de articulação secundária correspondente. Assim, em seu exame de 317 línguas, Maddieson (*apud* Clements 1991) acredita que ... *segmentos apropriados podem ter articulações secundárias dos seguintes tipos: labialização, palatalização, velarização e faringalização*¹². Além desses tipos de articulação secundária simples, são também encontrados exemplos de articulações secundárias complexas combinando duas articulações simples. Exemplos (Clements, 1991, p. 99):

(11) traços	articulação secundária	exemplo
labial	labialização/arredondamento	Akan
coronal	coronalização/palatalização	Eslavo
dorsal	velarização	Ponapean
faringal	faringalização	NE/NW Caucasiano
labial+dorsal	lábio-velarização	Irlandês
dorsal+faringal	dorso-faringalização	Árabe
labial+faringal	lábio-faringalização	Ubykh
etc.		

Temos aqui mais uma fonte de evidência para a unificação dos traços de ponto, uma vez que a maioria ou todos os tipos de articulação secundária preditos são realmente atestados.

Antes de se concluir essa seção, uma pergunta se faz necessária: como um modelo que unifica traços de ponto para consoantes e vogais atua no nível fonético? A esse respeito, o autor ressalta que o mesmo sistema de articuladores é usado na produção de todos os tipos de segmentos, mas as restrições de articuladores

¹² "... appropriate segments can have secondary articulations of the following types: labialization,

definidos variarão em grau de fechamento (e possivelmente outras características) dependendo se estão envolvidas em formar uma consoante ou uma vogal. Então, por exemplo, o traço [labial] pode ser interpretado em consoantes como de aproximação ou fechamento dos lábios; em vogais, em termos de saliência dos lábios. Portanto, o gesto de fechamento labial é diferente em cada caso, mas os articuladores usados (os lábios) são os mesmos para ambos os tipos de segmento. O autor conclui, depois de observações similares em relação a outros traços articuladores, que

... um único conjunto uniforme de parâmetros fonológicos é envolvido na representação de consoantes e vogais, mas que esses parâmetros são projetados até planos separados onde eles recebem interpretações dependentes de contexto no nível fonético. (Clements, 1991, p. 116)¹³

Clements (1991) apresenta, portanto, uma série de evidências de fenômenos independentes para sustentar seu modelo de unificação de traços de ponto de articulação para consoantes e vogais. O autor salienta ainda que outras teorias de traço que não mostram esse tipo de unificação não são satisfatórias para explicar processos que envolvem consoantes e vogais, necessitando ainda de regras e princípios dispensáveis aqui.

palatalization, velarization, pharyngealization". (Maddieson *apud* Clements, 1991, p. 98)

¹³ "... a single, uniform set of phonological parameters is involved in consonant and vowel representation, but that these parameters are projected onto separate planes where they receive context dependent interpretation at the phonetic level". (Clements, 1991, p. 116)

4.4 A Fonologia Lexical

No decorrer do presente trabalho, percebeu-se a necessidade de se verificar a inter-relação da regra em estudo com a morfologia e a sintaxe. Assim, através da teoria da Fonologia Lexical, que propõe níveis diferenciados para o léxico, investigar-se-á como a variação da lateral pós-vocálica se comporta em relação à derivação e combinação de palavras.

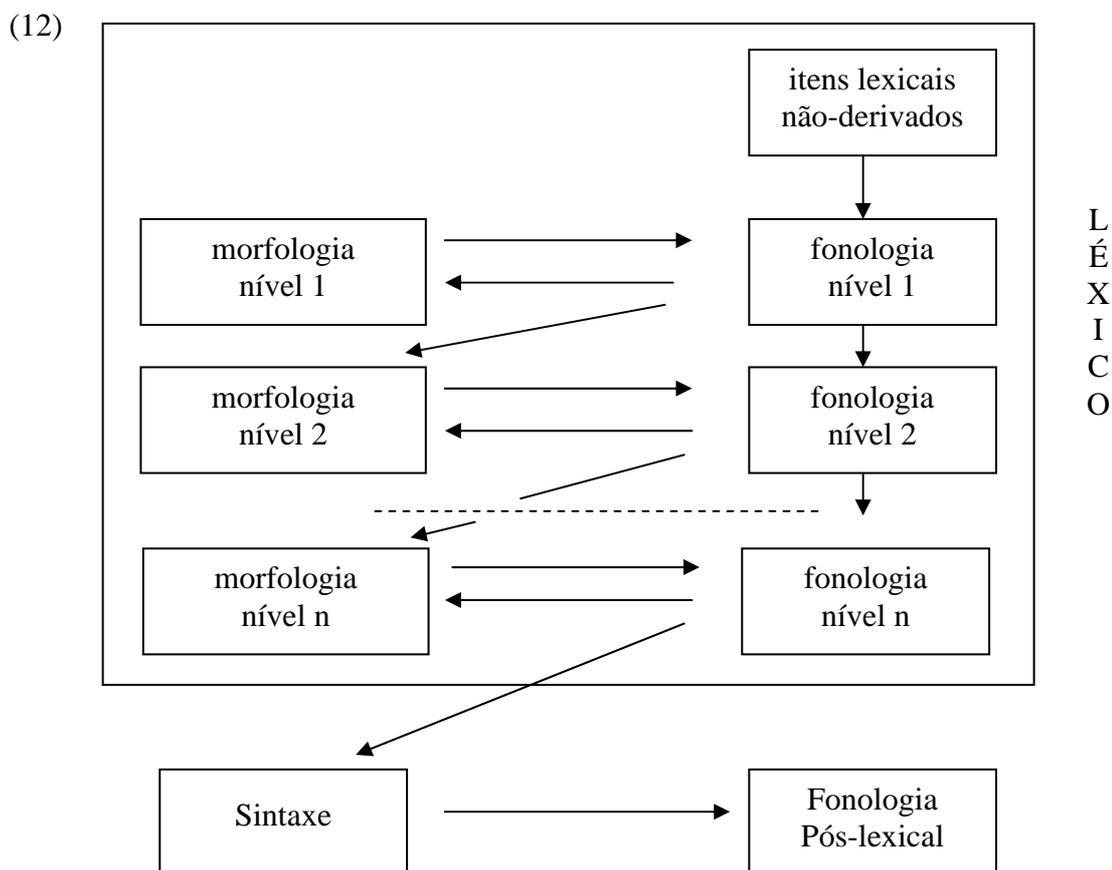
De acordo com Kiparsky (1982, p. 131),

*... os processos derivacionais e flexionais de uma língua podem ser organizados em uma série de níveis. Cada nível é associado a um conjunto de regras fonológicas, para as quais este define o domínio de aplicação.*¹⁴

É necessário salientar que a hierarquia existente entre esses níveis, além de definir um possível ordenamento dos processos morfológicos na formação e composição de palavras, também concebe uma divisão entre regras que são aplicadas entre os níveis do léxico e aquelas que operam em combinações de palavras dentro das sentenças. No âmbito da Fonologia Lexical, essa dicotomia é estabelecida através de regras fonológicas que são aplicadas em um componente lexical, no qual as regras estão sujeitas a informações sobre morfemas, e regras que se aplicam em um componente pós-lexical, no qual as regras são aplicadas sem precisar de informações morfológicas.

¹⁴ "... the derivational and inflectional processes of a language can be organized in a series of levels. Each level is associated with a set of phonological rules for which it defines the domain of application". (Kiparsky, 1982, p. 131)

Conforme Kiparsky (1982, p. 132), o léxico do inglês está estruturado da seguinte forma:



De acordo com esta proposta, o conjunto de caixas da direita constitui a totalidade dos itens lexicais de uma língua. Observe-se que o resultado de cada nível de derivação pode representar a entrada de outro.

O modelo apresentado em (12) faz uma diferenciação entre as regras fonológicas: as lexicais, que são aplicadas no léxico e as pós-lexicais, que são aplicadas em combinações sintáticas.

As regras desse último tipo (pós-lexicais) ignoram a estrutura morfológica da palavra e dispensam a informação trazida pelos colchetes internos, substitutos dos

símbolos limítrofes (+, #, ##) da Fonologia Clássica. Esta modificação ocorreu devido à concepção do léxico como uma organização de níveis ordenados, em que os colchetes internos vão sendo apagados conforme se passa de um nível para outro. Dessa forma, no componente pós-lexical, os colchetes não aparecem mais. Essa condição é denominada por Kiparsky (1982, p. 140) de *Bracketing Erasure* (Apagamento de Colchetes) e impede que novas regras morfológicas tenham acesso à estrutura morfológica interna de níveis anteriores.

Essa organização da gramática em regras lexicais, intrinsecamente cíclicas, conforme Kiparsky (1982), isto é, podem ser aplicadas novamente após cada passo de formação de palavra no componente morfológico, e pós-lexicais, intrinsecamente não-cíclicas, pois são aplicadas em combinações sintáticas, exige restrições em relação ao nível em que as regras operam. Além do Apagamento de Colchetes (comentada anteriormente), outros princípios básicos para a Fonologia Lexical seriam a condição do Ciclo Estrito, a *Elsewhere Condition* e o princípio de Preservação da Estrutura.

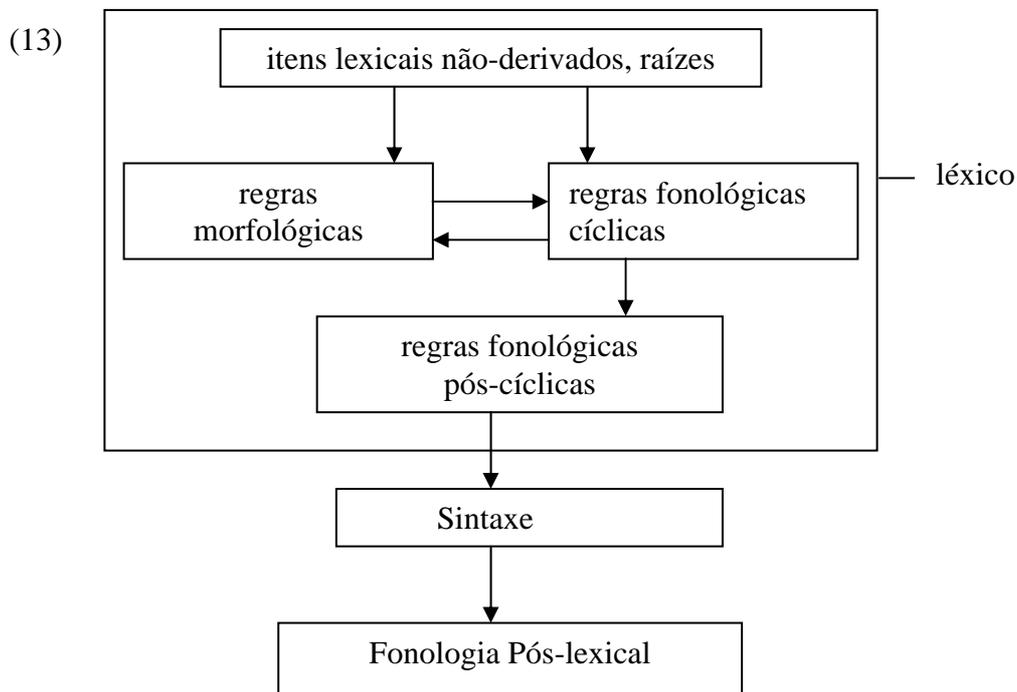
A condição do Ciclo Estrito, proposta por Mascaró (1978), estabelece que regras cíclicas são aplicadas somente em representações derivadas. Um ambiente é derivado morfológicamente se a estrutura para a aplicação da regra exigir fronteiras de morfemas, e é derivado fonologicamente se, no transcorrer da derivação, houver a aplicação de uma regra fonológica.

A *Elsewhere Condition* permite resolver, em certo ponto da derivação, problemas que surjam entre regras que são aplicadas de modo disjuntivo, isto é, regras que são candidatas ao mesmo contexto. Nesse caso, de acordo com esta condição, prevalecerá a regra cujo domínio de aplicação é mais restrito.

A fim de preservar o conjunto de segmentos e combinações de um determinado sistema, o princípio de Preservação da Estrutura impede certas derivações que poderiam resultar estruturas não pertencentes a este sistema. Isto não se aplica às regras pós-lexicais, que podem criar estruturas novas, pois o componente pós-lexical não contém informação de ordem morfológica nem está sujeito às restrições lexicais.

Finalmente, não se pode esquecer da distinção entre regras que preenchem traços (regras de redundância e *default*) e regras que mudam traços. Dessa forma, admitindo-se a existência de segmentos subespecificados na subjacência, é possível se trabalhar com matrizes dessa ordem.

Mas é preciso enfatizar que, apesar de o léxico se caracterizar por regras cíclicas, existem também regras que não são cíclicas. E, para essas últimas, não há lugar na estratificação do léxico como proposta por Kiparsky em (12). Nesse sentido, Booij e Rubach (1984, 1987) aperfeiçoam o modelo de Kiparsky. Conforme os autores, o componente lexical deve comportar regras cíclicas e pós-cíclicas. Booij e Rubach (1984, p. 2) propõem, então, uma divisão do léxico em três blocos:



De acordo com a proposta de Booij e Rubach (1987), as regras lexicais podem ser cíclicas (seguindo, portanto, a proposta de Kiparsky (1982)), aquelas que são reaplicadas após cada operação de formação de palavra, interagindo com as regras morfológicas de forma direta, e pós-cíclicas, aquelas que não interagem com a morfologia, isto é, são aplicadas livremente dentro de morfemas e através de fronteiras de morfemas. Vale observar que essas últimas, ao contrário das regras lexicais cíclicas, não estão sujeitas ao princípio do Ciclo Estrito. Em relação às regras pós-lexicais, (13) mostra que estas são aplicadas em sentenças derivadas pelo componente sintático, podendo isto ocorrer tanto no interior de palavras quanto através de fronteiras destas.

A partir dos pressupostos básicos da Fonologia Lexical, explicitados acima, procurar-se-á verificar o componente de aplicação das regras de velarização e de vocalização da lateral pós-vocálica.

4.5 A velarização e a vocalização da lateral pós-vocálica em português

A presente pesquisa, realizada com o intuito de elencar os fatores que condicionam o comportamento diferenciado da lateral pós-vocálica no português gaúcho (do sul do país), demonstrou que a variação efetivamente existe; conseqüentemente, [ɔ] é ainda um traço do dialeto gaúcho, preservado pelas etnias. Essa foi a nossa constatação, através de resultados estatísticos e probabilísticos (análise apresentada no capítulo 3), do que o grande lingüista Câmara Jr.(1976, 1977, 1988a, 1988b) e outros estudiosos da área (sem contar nossa intuição de falantes nativos) já haviam observado.

Sabe-se que, na língua portuguesa, o /l/ é anterior [l] (ou seja, coronal, conforme proposta de Clements, 1989) em posição pré-vocálica, e, em posição pós-vocálica, é posterior [ɔ] (ou seja, dorsal, conforme proposta de Clements, 1989). É o que se denomina *distribuição complementar*, pois ... *dois sons são encontrados em ambientes mutuamente exclusivos*¹⁵ (Hyman, 1975, p. 62). Isso quer dizer que no ambiente fonético onde um som ocorre, o outro não ocorre¹⁶. Dessa forma, o fonema /l/ pode ter sua realização fonética como [l] ou [ɔ], dependendo de sua posição na sílaba, como mostram os exemplos:

¹⁵ "... the two sounds are found in mutually exclusive environments". (Hyman, 1975, p. 62)

¹⁶ Segundo Câmara Jr.(1977, p. 28), parte dos sul-riograndenses pronunciam o /l/ pós-vocálico como dental. De fato, pode ser esta forma encontrada em alguns dialetos da fronteira. Em nossa amostra, todavia não se fez notar como um fato que merecesse maior atenção e, portanto, não fez parte de nosso objeto de estudo.

(14)	Posição CV [l]		Posição VC [ɔ]
	lado		alto
	sala		sol
	limpo		sal
	lua		alface
	leitura		colchão

Foi visto anteriormente que o /l/ em posição pós-vocálica pode realizar-se como [ɔ] ou [w] (seção 1.3.), o que é atestado também pelos dados analisados nessa pesquisa. Dentro da Fonologia Tradicional, essas variantes são ditas livres e de aplicação imprevisível, sendo atribuídas a um indivíduo ou a um grupo social ou regional. Em suma, não há fatores que condicionem o uso de uma ou outra variante; o falante é livre na sua escolha.

Essa variação livre, à luz da proposta da Regra Variável de Labov, não é tão imprevisível como parece ser. Afinal, variáveis lingüísticas e extralingüísticas podem privilegiar o uso de uma das formas, como vimos no capítulo 3. Vejamos os exemplos em (15):

(15)	Vocábulo	[ɔ]		[w]
	sal	sa[ɔ]	ou	sa[w]
	carrossel	carrosse[ɔ]	ou	carrosse[w]
	impossível	impossíve[ɔ]	ou	impossíve[w]
	Brasil	Brasi[ɔ]	ou	Brasi[w]
	solteira	so[ɔ]teira	ou	so[w]teira
	sol	so[ɔ]	ou	so[w]
	vulto	vu[ɔ]to	ou	vu[w]to

Através da análise da variação $\text{ɔ} \sim \text{w}$ em vocábulos como *sal*, *carrossel*, *impossível*, *Brasil*, *sol*, *solteira*, *vulto* e outras, constatou-se que, dentre as variáveis lingüísticas e extralingüísticas examinadas no capítulo anterior, a que se apresenta

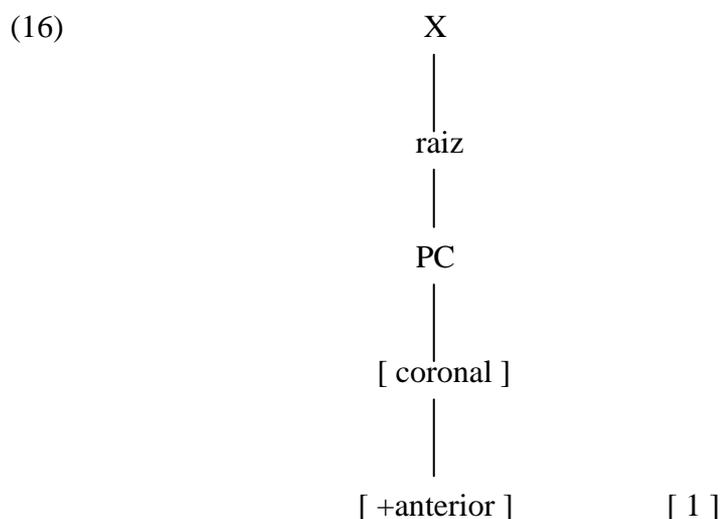
como mais relevante no comportamento diferenciado da lateral pós-vocálica é *grupo étnico*. Isso é suficiente para justificar que se trata de uma variável sociolinguística, embora tenha o caráter de regra telescópica no sentido de que desenvolve um caminho natural de evolução, facilmente detectável e previsível, como vimos anteriormente (seção 3.1.1). Portanto, em nossa amostra, a utilização de [ɔ] ou [w] depende principalmente do grupo étnico a que o indivíduo pertence, sendo favorecida relativamente por outros elementos linguísticos como acento (seção 3.2.1), posição da lateral (seção 3.2.4), contexto fonológico seguinte (seção 3.2.3) e contexto fonológico precedente (seção 3.2.2).

Vejamos agora como interpretar a velarização e a vocalização de acordo com a Geometria dos Traços e qual a posição dessas regras no sistema conforme os pressupostos básicos da Fonologia Lexical.

4.5.1 Segundo a Geometria dos Traços

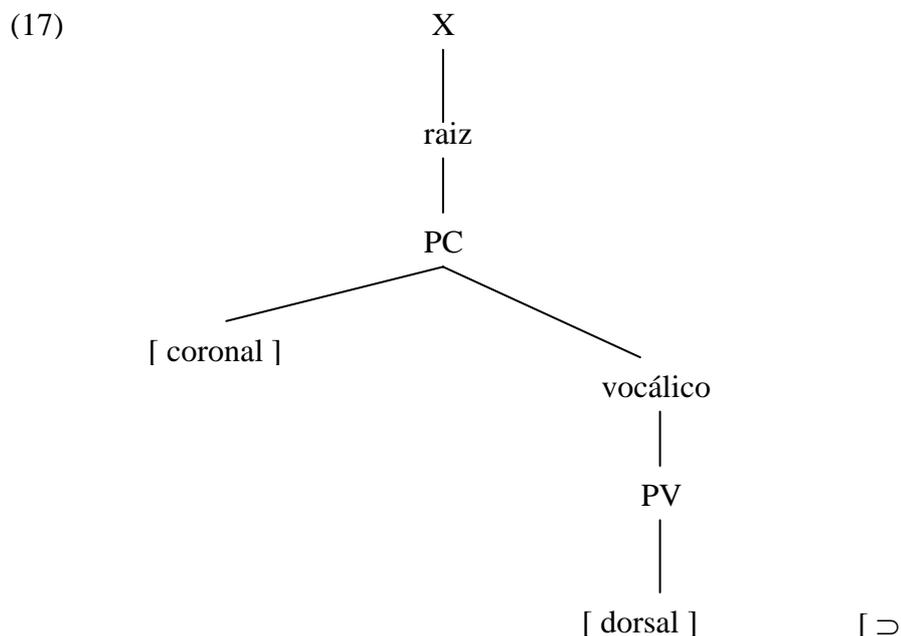
Para representar a velarização e a vocalização da lateral pós-vocálica em termos de regra, é necessário que se descrevam os traços que caracterizam os segmentos em cada estágio. Vejamos como isso se dá segundo a Geometria dos Traços de Clements (1991).

Para caracterizar a lateral pós-vocálica, é preciso que se representem primeiramente os traços da lateral de articulação alveolar (de *lado, sala, lua*) por se tratar de CV (consoante-vogal), o padrão silábico mais geral. De acordo com a teoria dos traços de Clements (1991), a representação arbórea desse segmento assume a seguinte geometria:



Como vemos na representação acima, diagrama (16), os traços primários de ponto de consoante foram ligados diretamente à ocorrência mais alta do nó de ponto de articulação (PC). Trata-se de uma consoante plena, ou seja, constituída de traços primários.

Em posição pós-vocálica, essa líquida lateral é velarizada (sa[ɔ], so[ɔ]to, carrosse[ɔ]), isto é, torna-se uma consoante complexa, pois possui traços de ponto de consoante (PC) e de vogal (PV). Para representar esse fenômeno de articulação secundária, que envolve consoantes e vogais, é necessário que haja, na camada ponto de articulação, lugar para os traços de consoante e para os traços de vogal. Isso só é obtido a partir da Teoria Unificada de Traços de Ponto de Articulação de Clements (1991), que busca uma simplificação dos traços fonológicos, organizando-os de tal forma que as subclasses tendam a se comportar como unidades únicas para processos que envolvam consoantes e vogais. No caso da lateral, o [ɔ] com articulação velarizada tem a seguinte representação:

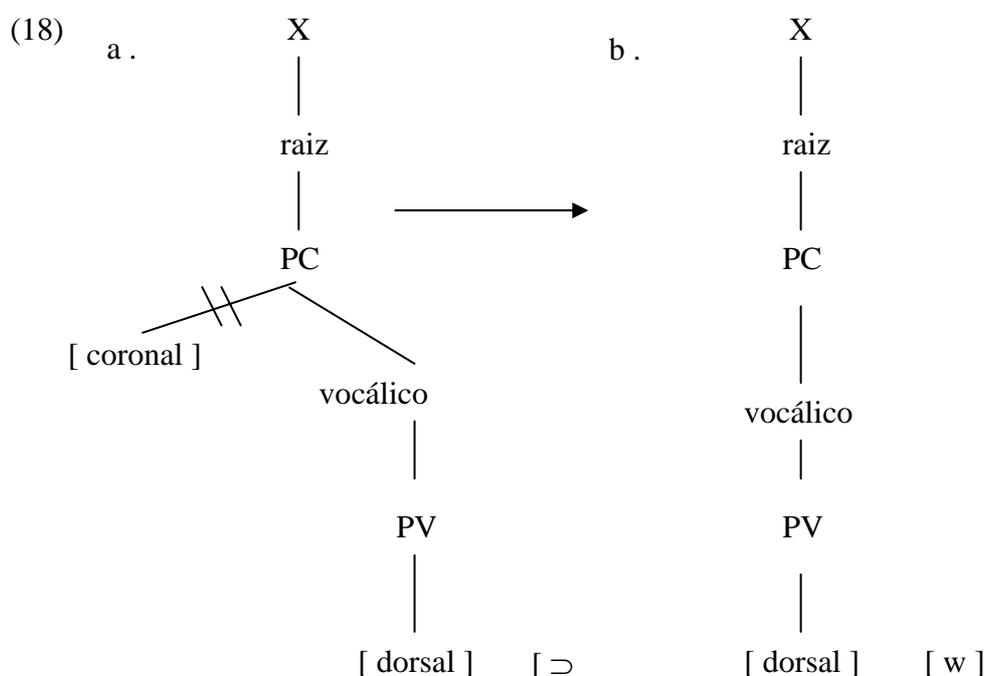


Comparativamente, temos em (16) uma consoante plena e em (17) uma consoante complexa. Com efeito, na caracterização de [ɔ] (diagrama (17)), os traços primários de ponto de articulação de consoante estão ligados a PC, mas essa consoante possui também traços de ponto de articulação de vogal (PV). Assim, traços de ponto de articulação de vogais e glides são ligados ao mais baixo dos dois nós de ponto de articulação (PV). Essas representações mostram que traços de ponto de articulação de vogal e traços de ponto de articulação de consoante são obtidos a partir do mesmo conjunto labial, coronal, dorsal e radical e diferem somente em onde ocorrem na árvore. Da mesma forma, os nós de PC e PV constituem a mesma categoria formal ponto de articulação e diferem somente em sua localização na árvore. Como foi visto nessa última representação, diagrama (17), o nó PV liga-se ao nó PC através de um nó intermediário vocálico.

Portanto, de acordo com essa abordagem de Clements (1991), uma articulação secundária é tratada como a adição de um nó vocálico a uma consoante.

Assim, para representar a velarização do /l/, é ligado ao PV o traço [dorsal] (seção 4.3), que caracteriza consoantes produzidas com o corpo da língua e vogais produzidas com uma constrição do centro ou parte posterior da língua, isto é, o dorso palatino.

Como foi visto anteriormente, o /l/, em posição pós-vocálica, pode também ser vocalizado (sa[w], so[w]to, carrosse[w]). Vejamos quais as modificações que ocorrem em relação ao [ɔ] velarizado:



Na representação (18)a., vemos que o traço [coronal], que caracteriza o [ɔ] velarizado como consoante complexa, foi desligado (linha cortada). Com a perda desse traço, o segmento resultante ficou apenas com traços vocálicos (18)b., ligando-se o traço [dorsal] a PV, que, por sua vez, liga-se ao nó mais alto (PC). Como vemos, a passagem de [ɔ] para [w] é uma regra muito simples, pois consiste na perda apenas de um traço, o coronal, como foi mostrado em (18).

Concluindo, as teorias fonológicas apresentadas foram de grande valia para representar os fenômenos da velarização e da vocalização da lateral pós-vocálica. Com efeito, à luz das teorias de Clements (1985, 1989, 1991), verificou-se que o processo envolvido na velarização é explicado a partir da adição do nó vocálico à lateral alveolar. A esse nó prende-se o PV, ao qual se liga o traço [dorsal]. Já o processo envolvido na vocalização é explicado a partir do desligamento do traço [coronal], que caracteriza [ɔ] velarizado como consoante. E essa explicitação das regras ficou clara graças à Teoria Unificada dos Traços de Ponto de Articulação em Consoantes e Vogais de Clements, que permitiu descrever e explicar os estágios pelos quais passa a lateral pós-vocálica até chegar à vocalização.

4.5.2 Segundo a Fonologia Lexical

Analisaram-se nesse trabalho palavras como *sol*, *pincel*, *pastel*, etc. segundo grupos de fatores lingüísticos e extralingüísticos que poderiam estar envolvidos na variação da lateral pós-vocálica. Constatou-se que a variação $\text{ɔ} \sim \text{w}$ efetivamente existe e que está relacionada principalmente com a variável grupo étnico. A pergunta que agora nos colocamos é a seguinte: considerando-se a relação da fonologia com a morfologia e a sintaxe, onde as regras de velarização e de vocalização se aplicam se tomarmos a gramática como um todo (léxico e combinações sintáticas)?

Para descobrir isso, partiremos dos pressupostos que a Fonologia Lexical postula para as línguas em geral. Admitimos que a língua portuguesa esteja organizada em dois componentes: conforme Booij e Rubach (1987), o primeiro, o componente lexical, pode ser formado por diversos níveis, nos quais regras

fonológicas interagem com regras morfológicas ou de formação de palavras, estando estas regras sujeitas ao ciclo (cíclicas) ou sendo aplicadas quando a palavra está pronta (pós-cíclicas); o segundo, o componente pós-lexical, lida com o resultado da sintaxe, ou seja, com as palavras combinadas.

Aqui serão analisados pequenos conjuntos de exemplos de palavras que nos permitirão chegar a algumas conclusões, levando em conta o seguinte (conforme seção 4.4): se as regras em estudo exigirem informação morfêmica, se forem cíclicas ou se tiverem exceções, localizam-se no componente lexical; se apresentarem características de regra lexical, mas não forem cíclicas, sua posição é no fim do componente lexical, como lexicais pós-cíclicas (conforme proposta de Booij e Rubach, 1987, que aqui seguimos); se atuarem sobre combinações de palavras, ou forem variáveis, se enquadram no componente pós-lexical, como regras pós-lexicais.

Foi visto anteriormente que, em posição pós-vocálica, o /l/ pode ser realizado como [ɔ] ou [w], ou seja, nessa posição, há uma velarização ou uma vocalização da lateral. O nosso objetivo agora, então, é examinar em que componente (lexical ou pós-lexical) essas regras, que estão demonstradas abaixo, se aplicam:

- (19) a. $l \rightarrow \text{ɔ} / V \text{ ___}$ Exemplo: sa/l/ sa[l]
 b. $l \rightarrow w / V \text{ ___}$ Exemplo: sa/l/ sa[w]

É importante ressaltar que, embora diacronicamente estejamos diante de uma regra telescópica ($\text{ɔ} > l^w > w$), comentada anteriormente nas seções 1.4.2 e 3.1.1, estamos partindo, na presente seção, da hipótese de que sincronicamente as variantes de velarização e de vocalização são o resultado de duas regras separadas, ou seja,

alguns indivíduos praticam (19)a. e outros, (19)b.. Neste caso, a variação dos dados analisados no capítulo 3 estaria refletindo opções individuais.

Vejam os inicialmente como as regras em estudo se comportam em relação à derivação de palavras; portanto, no componente lexical. Não se pretende aqui fazer um estudo sobre a estratificação do léxico do português, mas vamos admitir que existam dois níveis: um, no qual as palavras são derivadas através de sufixos comuns, que chamaremos primários (como *-aço*, *-ada*, *-aria*, *-eiro*, *-dade*, etc.), e outro, no qual as palavras são derivadas através de sufixos especiais (como *-íssimo*, *-mente* e *-zinho*). Para cada palavra apresentada como exemplo, verificaremos, então, a aplicabilidade das regras de velarização (mostrada na letra a.) e de vocalização (mostrada na letra b.) de cada exemplificação.

Vejam os, assim, um conjunto de exemplos de vocábulos derivados através de sufixos primários que iniciam por vogal, a fim de verificarmos a atuação das regras em estudo:

- (20) *so/l/ + -aço*
- a. Silabação *so-la-ço*
 Velarização — (sem contexto)
 Resultado *so[l]aço*, mas não **so[ɔ]aço*
- b. Silabação *so-la-ço*
 Vocalização — (sem contexto)
 Resultado *so[l]aço*, mas não **so[w]aço*
- pince/l/ + -ada*
- a. Silabação *pin-ce-la-da*
 Velarização — (sem contexto)
 Resultado *pince[l]ada*, mas não **pince[ɔ]ada*
- b. Silabação *pin-ce-la-da*
 Vocalização — (sem contexto)
 Resultado *pince[l]ada*, mas não **pince[w]ada*

- paste/l/ + -aria
- a. Silabação pas-te-la-ria
 Velarização — (sem contexto)
 Resultado paste[l]aria, mas não *paste[ɔ]aria
- b. Silabação pas-te-la-ria
 Vocalização — (sem contexto)
 Resultado paste[l]aria, mas não *paste[w]aria
- sa/l/ + -eiro
- a. Silabação sa-lei-ro
 Velarização — (sem contexto)
 Resultado sa[l]eiro, mas não *sa[ɔ]eiro
- b. Silabação sa-lei-ro
 Vocalização — (sem contexto)
 Resultado sa[l]eiro, mas não *sa[w]eiro
- jorna/l/ + -eco
- a. Silabação jor-na-le-co
 Velarização — (sem contexto)
 Resultado jorna[l]eco, mas não *jorna[ɔ]eco
- b. Silabação jor-na-le-co
 Vocalização — (sem contexto)
 Resultado jorna[l]eco, mas não *jorna[w]eco
- rea/l/ + -izar
- a. Silabação re-a-li-zar
 Velarização — (sem contexto)
 Resultado rea[l]izar, mas não *rea[ɔ]izar
- b. Silabação re-a-li-zar
 Vocalização — (sem contexto)
 Resultado rea[l]izar, mas não *rea[w]izar

Nesse conjunto de exemplos, não se cria contexto para a aplicação das regras de velarização e de vocalização, surgindo, pois, na estrutura de superfície, a lateral alveolar da subjacência. Com efeito, a silabação de palavras no processo de

acrécimo de sufixos primários iniciados por vogal mostra que a lateral fica numa posição pré-vocálica, onde se realiza como [l] alveolar. Na verdade, a regra em discussão está em distribuição complementar. Por isso, (19) pressupõe que, no contexto CV, a lateral é sempre alveolar. Em suma, uma reescritura de (19) com sua configuração silábica nos leva de imediato à leitura de que, no contexto CV, a lateral é alveolar e, no contexto VC, é velarizada ou vocalizada. Temos, assim, uma regra como em (21):

$$(21) \quad /l/ \longrightarrow \left\{ \begin{array}{l} [\text{ɔ}] \\ [w] \end{array} \right\} / V _$$

Vejam agora como se dá a aplicação das regras em estudo sobre vocábulos derivados através de sufixos primários iniciados por consoante:

- (22) ma/l/ + -dade
- | | | |
|----|-------------|--------------------------|
| a. | Silabação | mal-da-de |
| | Velarização | ma[ɔ]dade (regra (19)a.) |
| | Resultado | ma[ɔ]dade |
| b. | Silabação | mal-da-de |
| | Vocalização | ma[w]dade (regra (19)b.) |
| | Resultado | ma[w]dade |
- animá/l/ + -culo
- | | | |
|----|-------------|-----------------------------|
| a. | Silabação | a-ni-mál-cu-lo |
| | Velarização | animá[ɔ]culo (regra (19)a.) |
| | Resultado | animá[ɔ]culo |
| b. | Silabação | a-ni-mál-cu-lo |
| | Vocalização | animá[w]culo (regra (19)b.) |
| | Resultado | animá[w]culo |

Nos exemplos mostrados acima, há contexto para a aplicação das duas regras, a de velarização e a de vocalização. Afinal, a silabação de palavras no processo de acréscimo de sufixos primários iniciados por consoante mostra que a lateral permanece em posição pós-vocálica, contexto das regras em estudo.

Verifiquemos agora se as observações feitas em relação aos sufixos primários são válidas também para os sufixos especiais. Segue um exemplo de palavra derivada através de sufixo especial que inicia por vogal:

- (23) ma/l/ + -íssimo
- a. Silabação ma-lí-ssi-mo
 Velarização — (sem contexto)
 Resultado ma[l]íssimo, mas não *ma[ɔ]íssimo
- b. Silabação ma-lí-ssi-mo
 Vocalização — (sem contexto)
 Resultado ma[l]íssimo, mas não *ma[w]íssimo

Através desse exemplo, percebe-se que, da mesma forma que para os sufixos primários, aqui também não se cria contexto para a aplicação das regras de velarização e de vocalização, uma vez que a silabação do vocábulo mostra que a lateral fica numa posição pré-vocálica, onde se realiza como [l] alveolar.

Seguem agora dois exemplos de vocábulos derivados através de sufixos especiais que iniciam por consoante:

- (24) gera/l/ + -mente
- a. Silabação ge-ral-men-te
 Velarização gera[ɔ]mente (regra (19)a.)
 Resultado gera[ɔ]mente
- b. Silabação ge-ral-men-te
 Vocalização gera[w]mente (regra (19)b.)
 Resultado gera[w]mente

	anima/l/ + -zinho	
a.	Silabação	a-ni-mal-zi-nho
	Velarização	anima[ɔ]zinho (regra (19)a.)
	Resultado	anima[ɔ]zinho
b.	Silabação	a-ni-mal-zi-nho
	Vocalização	anima[w]zinho (regra (19)b.)
	Resultado	anima[w]zinho

Nesses exemplos, da mesma forma que para os sufixos primários, há contexto para a aplicação das regras de velarização e de vocalização, uma vez que a silabação mostra que a lateral permanece em posição pós-vocálica, contexto das regras em estudo.

Passemos agora para o componente pós-lexical, para que possamos verificar como as regras mencionadas se comportam em combinações sintáticas, incluídas as palavras compostas. Estamos partindo do pressuposto de que a composição é um processo sintático e, portanto, pós-lexical.

Vejam, então, a atuação das regras de velarização e de vocalização em palavras compostas cujo segundo membro da composição inicia por vogal. É necessário lembrar que, no componente pós-lexical, ao se combinar uma palavra que termina por uma lateral pós-vocálica com uma outra que inicia por vogal, haverá uma ressilabação, que passará a lateral para um posição pré-vocálica. Seguem os exemplos:

(25)	ma/l/ + educado	
a.	Ressilabação	ma-le-du-ca-do
	Velarização	— (sem contexto)
	Resultado	ma[l]-educado

b.	Ressilabação	ma-le-du-ca-do
	Vocalização	— (sem contexto)
	Resultado	ma[l]-educado

		pape/l/ + arroz
a.	Ressilabação	pa-pe-la-rroz
	Velarização	— (sem contexto)
	Resultado	pape[l]-arroz

		pape/l/ + arroz
b.	Ressilabação	pa-pe-la-rroz
	Vocalização	— (sem contexto)
	Resultado	pape[l]-arroz

Através desses exemplos, pode-se perceber que a ressilabação desfaz o contexto de aplicação das regras em estudo e a lateral, ficando em posição pré-vocálica, realiza-se como alveolar.

No entanto, note-se que a vocalização é uma variável que ocorre, pois pode-se ter formas como *ma[w]-educado* e *pape[w]-arroz*. De onde essas formas provêm? Bem, vimos que a ressilabação que ocorre no componente pós-lexical impede que a regra de vocalização se aplique. Então, esta regra tem de se aplicar necessariamente antes da ressilabação, ou seja, no componente lexical. Assim, temos derivações como as que seguem:

(26)	ma/l/ (componente lexical)
	Silabação mal
	Vocalização ma[w] (regra (19)b.)
	Resultado ma[w]

	pape/l/ (componente lexical)
	Silabação pa-pel
	Vocalização pape[w] (regra (19)b.)
	Resultado pape[w]

Observe-se que, quando da combinação dessas palavras com outras no componente pós-lexical, não há ressilabação (mesmo iniciando-se a outra palavra por vogal) nem a aplicação da regra de velarização, uma vez que as palavras resultantes do componente lexical já estão com a lateral vocalizada. Vejamos as derivações:

- (27) ma[w] + educado (componente pós-lexical)
 Ressilabação — (sem contexto)
 Velarização — (sem contexto)
 Resultado ma[w]-educado
- pape[w] + arroz (componente pós-lexical)
 Ressilabação — (sem contexto)
 Velarização — (sem contexto)
 Resultado pape[w]-arroz

Para os dois conjuntos exemplificados em (25) e (27), há, portanto, duas alternativas de análise: a lateral espera pela ressilabação no componente pós-lexical, do que resulta ma[l]-educado ou a lateral é vocalizada no componente lexical, do que resulta ma[w]-educado ao haver a combinação de palavras no componente pós-lexical. Ressalte-se que os resultados de (25) bem como os de (27) são esperados e bem formados.

Vejamos agora como se dá a aplicação das regras de velarização e de vocalização em palavras compostas cujo segundo membro da composição é uma consoante:

- (28) ma/l/ + me + quer
 a. Silabação mal-me-quer
 Velarização ma[ɔ]-me-quer (regra (19)a.)
 Resultado ma[ɔ]-me-quer

b.	Silabação	mal-me-quer
	Vocalização	ma[w]-me-quer (regra (19)b.)
	Resultado	ma[w]-me-quer

pape/l/ + carbono

a.	Silabação	pa-pel-car-bo-no
	Velarização	pape[ɔ]-carbono (regra (19)a.)
	Resultado	pape[ɔ]-carbono

b.	Silabação	pa-pel-car-bo-no
	Vocalização	pape[w]-carbono (regra (19)b.)
	Resultado	pape[w]-carbono

qua/l/ + quer

a.	Silabação	qual-quer
	Velarização	qua[ɔ]quer (regra (19)a.)
	Resultado	qua[ɔ]quer

b.	Silabação	qual-quer
	Vocalização	qua[w]quer (regra (19)b.)
	Resultado	qua[w]quer

sa/l/ + gema

a.	Silabação	sal-ge-ma
	Velarização	sa[ɔ]-gema (regra (19)a.)
	Resultado	sa[ɔ]-gema

b.	Silabação	sal-ge-ma
	Vocalização	sa[w]-gema (regra (19)b.)
	Resultado	sa[w]-gema

Através desses exemplos, pode-se perceber que, nesse caso, cria-se contexto favorável para a aplicação da regra de velarização, pois, não havendo ressilabação em função de a palavra que segue a lateral iniciar por consoante, a lateral permanece em posição pós-vocálica. A variante [w] também ocorre nesses exemplos, mas é proveniente da aplicação da regra de vocalização no componente lexical, como foi visto nos exemplos em (26) e (27). Essas considerações apontam, portanto, para uma

separação quanto ao componente de aplicação das duas regras em estudo, pois a vocalização se aplica no componente lexical e a velarização se aplica depois de se combinarem as palavras no componente pós-lexical e se houver contexto para tal aplicação, ou seja, fica à espera da ressilabação.

Verifiquemos agora se as observações feitas em relação às palavras compostas são válidas também no nível da frase, ou seja, ainda no componente pós-lexical. Vejamos, então, exemplos de frases em que o elemento que segue a lateral pós-vocálica é uma vogal; portanto, pode haver ressilabação no componente pós-lexical se a palavra não tiver vindo pronta do componente lexical:

(29) O animal era muito grande.
anima/l/ + era

- | | | |
|----|--------------|------------------|
| a. | Ressilabação | a-ni-ma-le-ra |
| | Velarização | — (sem contexto) |
| | Resultado | anima[l] era |
| b. | Ressilabação | a-ni-ma-le-ra |
| | Vocalização | — (sem contexto) |
| | Resultado | anima[l] era |

O principal é que estudes.
principa/l/ + é

- | | | |
|----|--------------|------------------|
| a. | Ressilabação | prin-ci-pa-lé |
| | Velarização | — (sem contexto) |
| | Resultado | principa[l] é |
| b. | Ressilabação | prin-ci-pa-lé |
| | Vocalização | — (sem contexto) |
| | Resultado | principa[l] é |

Uso sal amoníaco.
sa/l/ + amoníaco

- | | | |
|----|--------------|------------------|
| a. | Ressilabação | sa-la-mo-ní-a-co |
| | Velarização | — (sem contexto) |
| | Resultado | sa[l] amoníaco |

- b. Ressilabação sa-la-mo-ní-a-co
 Vocalização — (sem contexto)
 Resultado sa[l] amoníaco

Compraste o papel escuro?

pape/l/ escuro

- a. Ressilabação pa-pe-les-cu-ro
 Velarização — (sem contexto)
 Resultado pape[l] escuro
- b. Ressilabação pa-pe-les-cu-ro
 Vocalização — (sem contexto)
 Resultado pape[l] escuro

Como nos exemplos mostrados em (25), os exemplos em (29) também esperam pela ressilabação, que desfaz o contexto de aplicação das mencionadas regras, realizando-se a lateral como alveolar. No entanto, no nível da frase, também se nota a existência de formas como anima[w] era, principa[w] é, etc., que, pela mesma razão explicada anteriormente em relação aos exemplos em (26), provêm das seguintes derivações no componente lexical:

- (30) anima/l/ (componente lexical)
 Silabação a-ni-mal
 Vocalização anima[w] (regra (19)b.)
 Resultado anima[w]
- principa/l/ (componente lexical)
 Silabação prin-ci-pal
 Vocalização principa[w] (regra (19)b.)
 Resultado principa[w]
- sa/l/ (componente lexical)
 Silabação sal
 Vocalização sa[w] (regra (19)b.)
 Resultado sa[w]

	pape/l/ (componente lexical)
Silabação	pa-pel
Vocalização	pape[w] (regra (19)b.)
Resultado	pape[w]

Vejam os exemplos a seguir, no componente pós-lexical, a combinação dessas palavras com outras no nível da frase:

(31)	anima[w] + era (componente pós-lexical)
Ressilabação	— (sem contexto)
Velarização	— (sem contexto)
Resultado	anima[w] era

	principa[w] + é (componente pós-lexical)
Ressilabação	— (sem contexto)
Velarização	— (sem contexto)
Resultado	principa[w] é

	sa[w] + amoníaco (componente pós-lexical)
Ressilabação	— (sem contexto)
Velarização	— (sem contexto)
Resultado	sa[w] amoníaco

	pape[w] + escuro (componente pós-lexical)
Ressilabação	— (sem contexto)
Velarização	— (sem contexto)
Resultado	pape[w] escuro

Confirma-se aqui o que foi observado em relação aos exemplos em (26) e (27): a vocalização opera no componente lexical e quando a palavra chega ao componente pós-lexical já está com a lateral vocalizada, impedindo a ressilabação e a aplicação da regra de velarização.

Em suma, para os dois conjuntos exemplificados em (29) e (31), há duas alternativas de análise (da mesma forma que para as palavras compostas), das quais resultam, por exemplo, anima[l] era ou anima[w] era.

Vejamos agora como se dá a aplicação das regras em estudo em frases em que o elemento que segue a lateral é uma consoante:

(32) O papel dele é melhor.
pape/l/ dele

- | | | |
|----|-------------|-----------------------------|
| a. | Silabação | pa-pel-de-le |
| | Velarização | pape[ɔ] dele (regra (19)a.) |
| | Resultado | pape[ɔ] dele |
| b. | Silabação | pa-pel-de-le |
| | Vocalização | pape[w] dele (regra (19)b.) |
| | Resultado | pape[w] dele |

Havia dez mil pessoas no comício.
mi/l/ pessoas

- | | | |
|----|-------------|------------------------------|
| a. | Silabação | mil-pe-sso-as |
| | Velarização | mi[ɔ] pessoas (regra (19)a.) |
| | Resultado | mi[ɔ] pessoas |
| b. | Silabação | mil-pe-sso-as |
| | Vocalização | mi[w] pessoas (regra (19)b.) |
| | Resultado | mi[w] pessoas |

Só deves colocar sal quando estiver pronto.
sa/l/ quando

- | | | |
|----|-------------|-----------------------------|
| a. | Silabação | sal-qu-an-do |
| | Velarização | sa[ɔ] quando (regra (19)a.) |
| | Resultado | sa[ɔ] quando |
| b. | Silabação | sal-qu-an-do |
| | Vocalização | sa[w] quando (regra (19)b.) |
| | Resultado | sa[w] quando |

O pessoal me ajudou.
pessoal me

- | | | |
|----|-------------|-----------------------------|
| a. | Silabação | pe-sso-al-me |
| | Velarização | pessoa[ɔ] me (regra (19)a.) |
| | Resultado | pessoa[ɔ] me |

b.	Silabação	pe-ssó-al-me
	Vocalização	pessoa[w] me (regra (19)b.)
	Resultado	pessoa[w] me

Como nos exemplos mostrados em (28), aqui também se observa a existência das duas variantes [ɔ] e [w], comprovando o que se suspeitou anteriormente: as mencionadas regras não se aplicam no mesmo componente. Com efeito, mostrou-se que a vocalização se aplica no componente lexical e a velarização só se aplica depois do processo de combinação entre as palavras e se a lateral permanecer em posição VC, ou seja, esta última regra opera no componente pós-lexical.

Em suma, podemos dizer que, uma vez que encontramos as variantes [ɔ] e [w]¹⁷ no componente pós-lexical e sabendo-se que regras variáveis operam no referido componente, concluiríamos, à primeira vista, que a velarização e a vocalização são pós-lexicais, isto é, esperam pela ressilabação que ocorre quando da combinação de palavras.

Entretanto, a ocorrência de formas como ma[w]-educado (como em (27)) e anima[w] era (como em (31)), que não esperam pela ressilabação, traz um problema, pois esse fato cria duas alternativas de análise para as referidas formas: a) a lateral espera pela ressilabação que ocorre no componente pós-lexical - é o caso de ma[l]-educado e anima[l] era; b) a lateral é vocalizada antes de chegar ao componente pós-lexical - é o caso de ma[w]-educado e anima[w] era. Toda a nossa análise e também a nossa convivência com indivíduos provenientes de diferentes grupos étnicos levam-nos a acreditar que indivíduos que detêm a variante mostrada em a) não possuem a variante mostrada em b) e vice-versa. Todavia, não foi possível confirmar

¹⁷ A variação encontrada nos dados provém da existência de duas regras: a de velarização (l>ɔ) e a de vocalização (l>w).

essa hipótese em nossa análise variacionista, pois se trabalhou com grupos e não com indivíduos. Essa é uma questão que merece mais estudos e pode servir de objeto para uma atividade posterior.

De qualquer forma, estamos inclinados a acreditar que indivíduos que têm na posição VC a variante [ɔ] praticam a regra de velarização no componente pós-lexical, isto é, esperam pela ressilabação que ocorre ao se combinarem as palavras. Por outro lado, aqueles indivíduos para os quais a regra telescópica chegou à sua fase final, ou seja, possuem apenas a variante [w], promovem a vocalização a um *status* de regra categórica e, portanto, lexical. Observe-se que essa regra tem de necessariamente ser aplicada no fim do componente lexical, ou seja, depois de completados todos os ciclos, para que se evitem formações incorretas como *so[w]aço, *pince[w]ada, etc. Assim, a regra de vocalização da lateral pós-vocálica configura-se como lexical pós-cíclica.

Enfim, confirma-se realmente uma separação das regras quanto ao seu nível de aplicação: a regra de velarização se aplica no componente pós-lexical e a de vocalização no componente lexical.

CONCLUSÕES

A presente pesquisa visou a estudar o fenômeno da variação da lateral pós-vocálica em quatro comunidades sociolingüísticas diferenciadas do extremo sul do país. Este estudo processou-se sob a perspectiva de três teorias: conforme a Teoria da Variação; conforme a Fonologia Autossegmental e a Geometria dos Traços; conforme a Fonologia Lexical.

Podem-se resumir os resultados desta investigação da seguinte forma:

1. O fonema /l/, em posição pré-vocálica, realiza-se como coronal ([l]); em posição pós-vocálica, como dorsal ([ɫ]) ou vocalizado ([w]). É o que se chama *distribuição complementar*.

2. A mudança $\text{ɫ} \sim \text{w}$ é considerada uma regra variável conforme os pressupostos da Teoria da Variação, pois é condicionada por variáveis lingüísticas e extralingüísticas.

3. As variáveis que exercem um papel importante na regra foram classificadas pelo programa computacional utilizado nessa pesquisa na seguinte hierarquia descendente: grupo étnico, acento, posição da lateral, contexto fonológico seguinte, contexto fonológico precedente e sexo. As variáveis *faixa etária* e *sândi* não foram selecionadas pelo programa por não serem relevantes na aplicação da regra em estudo.

4. Em relação à variável *grupo étnico*, a que mais se sobressai, os resultados estatísticos e probabilísticos comprovaram que os metropolitanos são os que mais aplicam a regra de vocalização da lateral pós-vocálica. Os fronteiriços vêm em segundo lugar, mas com valores muito baixos. São seguidos pelos italianos e alemães, com valores bastante próximos. Pode-se inferir, a partir da preferência dos metropolitanos pela vocalização da lateral pós-vocálica, que a regra em estudo é telescópica por iniciar na metrópole. Essa mudança $\text{ɔ} > \text{w}$ faz que estágios intermediários, como o $[\text{l}^{\text{w}}]$ velar e labializado, desapareçam em favor de formas extremas como o $[\text{w}]$. Em suma, para os metropolitanos, a regra já está em seu estágio final ($[\text{w}]$), enquanto, nas demais regiões, encontra-se ainda no estágio inicial ($[\text{ɔ}]$).

5. A outra variável extralingüística analisada foi *sexo*, que se revelou inexpressiva, mas mostrou alguma vantagem da mulher em relação à aplicação da regra.

6. Com referência às variáveis lingüísticas analisadas, os fatores que favorecem mais a aplicação da regra (resultados com valores acima de .50) são sílaba tônica e pretônica (acento); vogais /e/, /E/ e /a/, /o/, /□/ (contexto fonológico precedente); consoantes altas, lateral, alveolar e pausa (contexto fonológico seguinte); composição e sufixos especiais -mente e -zinho (posição da lateral).

7. Com referência às mesmas variáveis, os fatores que favorecem menos a aplicação da regra (resultados com valores abaixo de .50) são átona final (acento); vogais /i/ e /u/ (contexto fonológico precedente); consoante labial e vogais (contexto fonológico seguinte); final de vocábulo e no interior de vocábulo (posição da lateral).

8. Quanto aos aspectos tratados a partir dos pressupostos da Fonologia Autossegmental e da Geometria dos Traços, constatou-se que o processo de velarização da lateral pós-vocálica deve ser visto como a adição do nó vocálico à lateral alveolar. A esse nó prende-se o PV (ponto ou zona de articulação de vogal), ao qual se liga o traço [dorsal]. Já o processo de vocalização consiste no desligamento do traço [coronal], que caracteriza [ɰ] velarizado como consoante. Com a perda desse traço, o segmento resultante fica apenas com traços vocálicos. Tais explicações só puderam ser alcançadas através da Teoria Unificada dos Traços de Ponto de Articulação em Consoantes e Vogais (Clements, 1991), que concebe um conjunto étnico de traços de ponto de articulação em consoantes e vogais, o que tornou possível representar a mudança de um segmento complexo (envolvendo traços de consoante e vogal) para um segmento simples (envolvendo apenas traços vocálicos).

9. No que tange à posição das regras no sistema de acordo com a linha da Fonologia Lexical, inferiu-se, através da análise de pequenos conjuntos de exemplos, que a regra de valorização da lateral pós-vocálica se aplica no componente pós-lexical, após o processo de combinação de palavras, ou seja, essa regra espera pela ressilabação. Por outro lado, a regra de vocalização se aplica no fim do componente lexical, isto é, antes de a palavra chegar ao componente pós-lexical e, portanto, antes da ressilabação. Diante disso, a variação se explica por aplicação da regra em níveis lexicais diferenciados.

Diante do exposto, deduz-se que os objetivos propostos foram atingidos e a nossa pressuposição foi confirmada, pois concluiu-se que a variação $\supset \sim w$ efetivamente existe e está relacionada principalmente com a variável *grupo étnico*, o

que é suficiente para justificar o tratamento sociolingüístico dado à regra. Mas, através da teoria variacionista, apenas mostrou-se e descreveu-se a regra; esta só pôde ser explicada adequadamente graças à Fonologia Não-linear.

Espera-se que os resultados desta pesquisa possam auxiliar em trabalhos científicos na área de lingüística em geral e também contribuir para estudos relacionados ao português falado no sul do Brasil. Além disso, espera-se que o conhecimento da realidade lingüística analisada facilite a compreensão de fenômenos lingüísticos variáveis e a sua relação com a ortografia, para que variações na fala não se reflitam na escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BISOL, Leda. *Harmonização vocálica : uma regra variável*. Rio de Janeiro : UFRJ, 1981. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981.
- BOOIJ, Geert; RUBACH, Jerzy. Morphological and prosodic domains in lexical phonology. *Phonology Yearbook*, n. 1, p. 1-27, 1984.
- ___. Postcyclic versus postlexical rules in lexical phonology. *Linguistic Inquiry*, v. 18, n. 1, p. 1-44, 1987.
- CAGGIANI, Ivo. *Sant'ana do Livramento : 150 anos de história*. Sant'ana do Livramento : ASPES, 1983.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Elementos de fonética do português brasileiro*. Campinas : UNICAMP, 1981. Tese (Livre Docência) - Universidade Estadual de Campinas, 1981.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 14. ed., Petrópolis : Vozes, 1988a.
- ___. *Estrutura da língua portuguesa*. 18. ed., Petrópolis : Vozes, 1988b.
- ___. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro : Padrão, 1977.
- ___. *Problemas de linguística descritiva*. 8. ed., Petrópolis : Vozes, 1976.
- CEDERGREN, Henrietta J.; SANKOFF, David. Variable rules : performance as a statistical reflection of competence. *Language*, v. 50, n. 2, p. 333-355, 1974.
- CLEMENTS, George N. The geometry of phonological features. *Phonology Yearbook*, n. 2, p. 225-252, 1985.
- ___. *On the representation of vowel height*. Não publicado, 1989.
- ___. Place of articulation in consonants and vowels : a unified theory. *Working papers of the Cornell phonetics laboratory*, n. 5, p. 77-123, 1991.

- CLEMENTS, George N.; SEZER, Engin. Vowel and consonant disharmony in Turkish. In: HULST, Harry van der; SMITH, Norval (Eds.) *The Structure of phonological representations*. Dordrecht : Foris Publications, 1982.
- DE BONI, Luís Alberto; COSTA, Rovílio. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. 3. ed., Porto Alegre : Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1984.
- FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGRIED EMANUEL HEUSER. Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul - 1990 Porto Alegre, v. 23, 1992.
- GOLDSMITH, John A. The aims of autosegmental phonology. In: DINNSEN, Daniel A. *Current approaches to phonological theory*. Bloomington : Indiana University Press, p. 202-23, 1979.
- HYMAN, Larry M. *Phonology : theory and analysis*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1975.
- HORA OLIVEIRA, Dermeval da. *A palatalização das oclusivas dentais : variação e representação não-linear*. Porto Alegre : PUC-RS, 1990. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1990.
- KIPARSKY, Paul. From cyclic phonology to lexical phonology. In: HULST, Harry van der & SMITH, Norval (Org.). *The Structure of phonological representations* (Parte 1). Dordrecht : Foris, p. 131-176, 1982.
- . Some consequences of lexical phonology. *Phonology Yearbook 2*. London : Cambridge University Press, p. 85-138, 1985.
- KROCH, Anthony S. Toward a theory of social dialect variation. *Language & Society*. n. 7, p. 17-36, 1978.
- LABOV, William. Contraction, deletion and inherent variability of the English copula. *Language*, v. 45, n. 4, p. 715-762, 1969.
- . *The social stratification of English in New York city*. Washington : Center of Applied Linguistics, 1966.
- . *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia : University of Pennsylvania Press, 1972.
- LADEFOGED, Peter. *A course in phonetics*. USA : Harcourt Brace Jovanovich, 1975.
- LOPEZ, Barbara Strodt. *The sound pattern of Brazilian Portuguese : Cariocan dialect*. Los Angeles : University of California, Ann Harbor, University Microfilms International, 1980. Tese (Doutorado) - University of California, 1980.

- MASCARÓ, John. *Catalan phonology and the phonological cycle*. PhD dissertation. Distributed by Indiana University Linguistic Club, 1978.
- McCARTHY, John J. Feature geometry and dependency: a review. *Phonetics*, v. 43, n. 45, p. 84-108, 1988.
- MALMBERG, Bertil. *A fonética*. Lisboa : Livros do Brasil, 1954.
- MOHANAN, K. P. Syllable structure and lexical strata in English. *Phonology Yearbook 2*, Great Britain, p. 139-155, 1985.
- MOHANAN, K.P.; MOHANAN, Tara. Lexical phonology of the consonant system in Malayalam. *Linguistic Inquiry*, v. 15. n. 4, p. 575-602, 1984.
- MONARETTO, Valéria N. de O. *A vibrante: representação e análise sociolinguística*. Porto Alegre : UFRGS, 1992. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1992.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Origens históricas de Porto Alegre. *Revista da AEBA*, Porto Alegre, v.1, n. 1, p. 28-29, 1989/1990.
- SAGEY, E. *The representation of features and relations in nonlinear phonology*. Boston : MIT, 1986. Tese (Doutorado) - Massachusetts Institute Technologic, 1986.
- SANKOFF, David. *VARBRUL programs*. 1986, 33 p. mimeo.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Introdução ao VARBRUL versão 1988*. 1992. mimeo.
- SÊCCO, Glacy Camargo. *O // implosivo na linguagem pontagrossense*. Rio de Janeiro : UFRJ, 1977. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1977.
- VOTRE, Sebastião J. *Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro : PUC-RJ, 1978. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1978.